



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
DEPARTAMENTO DE ARTES PLÁSTICAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

Vivências no ensino de arte: relatos de uma experiência formativa em ateliês

LETÍCIA BRASIL FREITAS

São Paulo
2023



LETÍCIA BRASIL FREITAS

Vivências no ensino de Arte: relatos de uma experiência formativa em ateliês

Versão Original

- Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora:
Prof.ª Dr.ª Dália Rosenthal

São Paulo
2023

Freitas, Letícia Brasil

Vivências no ensino de Arte: relatos de uma
experiência formativa em ateliês / Letícia Brasil
Freitas; orientadora, Dália Rosenthal. - São Paulo,
2023.

65 p.: il.

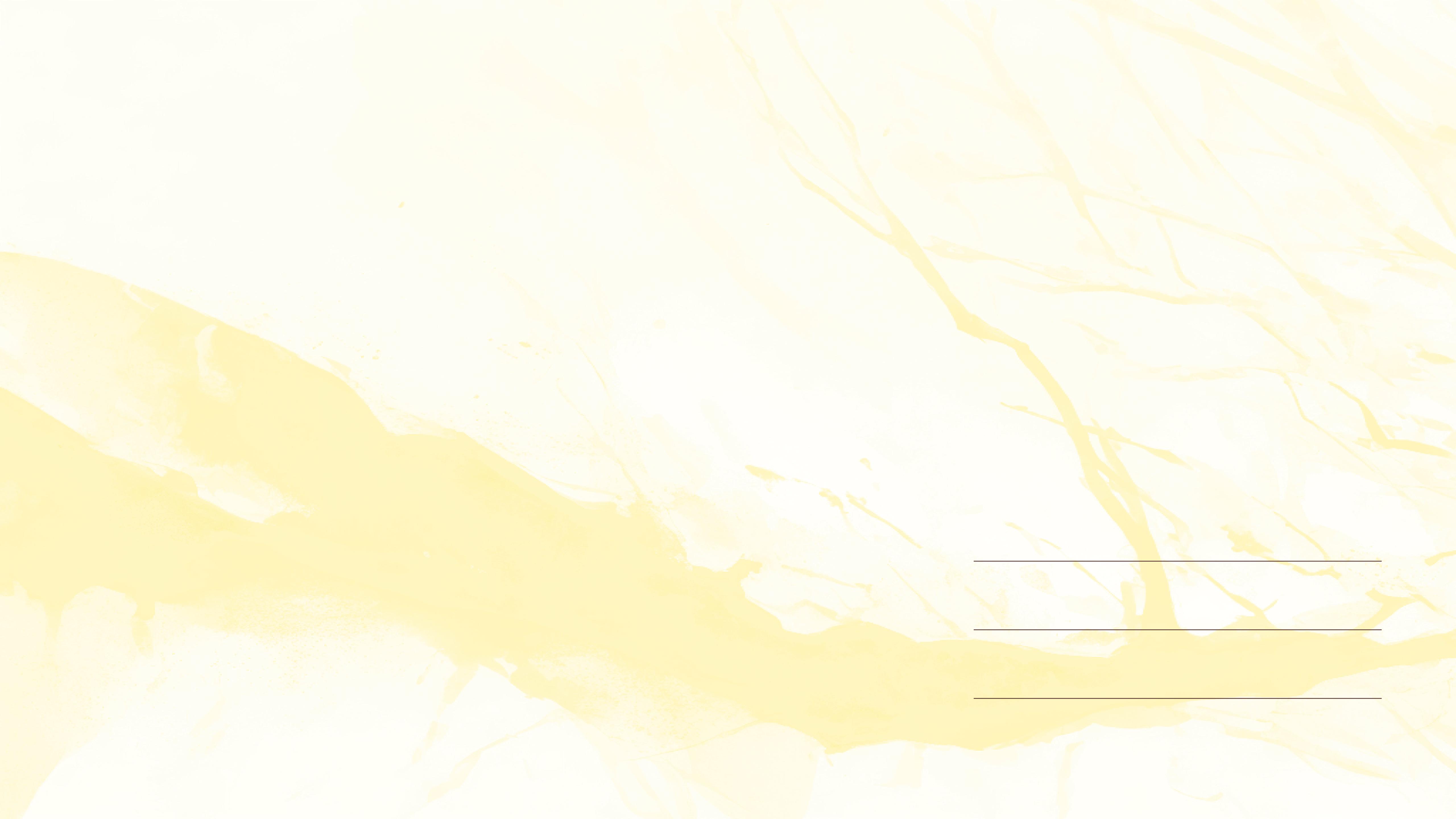
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Artes Plásticas / Escola de Comunicações
e Artes / Universidade de São Paulo.

Bibliografia

1. arte-educação. 2. relato de experiência. 3.
memória. 4. formação docente. 5. ateliês de artes
visuais. I. Rosenthal, Dália . II. Título.

CDD 21.ed. -

700.7





AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Dália Rosenthal, pelo apoio e aprendizado ao longo da realização desse trabalho e das trocas durante a graduação.

À minha família, meus pais Emílio e Francisca, e minha irmã Sabrina, pelo incentivo e suporte ao longo de toda a minha formação.

À cada colega que viveu comigo experiências com o ensino da arte, por todo o compartilhamento de saberes, em especial à Érico, Carolina, Beatriz, Brígida, Larissa, Luca, Marcelo, Michelle, Naomi, Pâmela, Rodrigo, Thais e William.

À cada professor que participou de minha formação, dentre disciplinas e estágios, aos quais pude acompanhar a prática docente e realizar trocas sobre educação.

À cada estudante, com os quais pude vivenciar a docência, por todo o profundo aprendizado que me proporcionaram.

À equipe da Biblioteca Municipal Anne Frank, por acolher e dar suporte às propostas pedagógicas que pude participar nesse espaço.

E à todos que, direta ou indiretamente, contribuíram com reflexões que inspiraram o presente trabalho.



RESUMO

Por meio do presente trabalho, apresenta-se um processo de reflexão proveniente de experiências com arte-educação em ateliês de artes visuais ao longo da graduação. Para tal, utiliza-se do relato, com enfoque na vivência no curso de pintura “Espaços da Pintura”, como metodologia de análise e organização do processo de formação, de modo a dialogar com conceitos e eventos considerados relevantes para o embasamento de tais reflexões, como a memória oral, a experiência e os saberes da experiência, bem como possíveis interfaces com o Movimento Escolinhas de Arte.

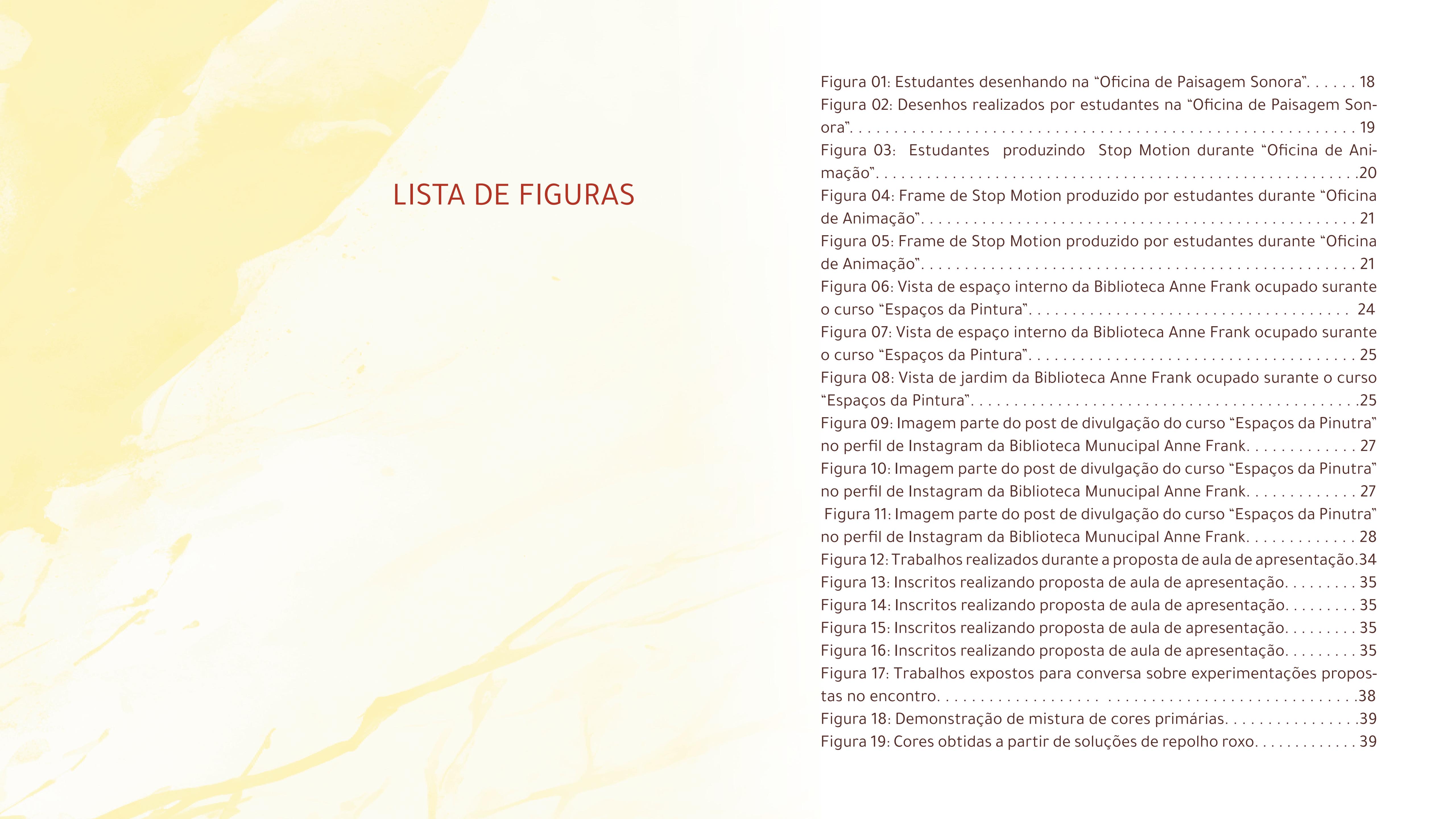
Palavras-chave: arte-educação; relato de experiência; memória; formação docente; ateliês de arte visuais;



ABSTRACT

This paper presents a process of reflection from experiences with art education in visual arts studios during my undergraduate studies, using the report, focusing on the experience in the painting course "Spaces of Painting", as a methodology for analyzing and organizing the training process, in order to dialogue with concepts and events considered relevant to the basis of such reflections, such as oral memory, experience and the knowledge of experience, as well as possible interfaces with the Art School Movement.

Keywords: art education; experience report; memory; teacher training; visual art workshops;



LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 01: Estudantes desenhando na “Oficina de Paisagem Sonora” | 18 |
| Figura 02: Desenhos realizados por estudantes na “Oficina de Paisagem Sonora” | 19 |
| Figura 03: Estudantes produzindo Stop Motion durante “Oficina de Animação” | 20 |
| Figura 04: Frame de Stop Motion produzido por estudantes durante “Oficina de Animação” | 21 |
| Figura 05: Frame de Stop Motion produzido por estudantes durante “Oficina de Animação” | 21 |
| Figura 06: Vista de espaço interno da Biblioteca Anne Frank ocupado durante o curso “Espaços da Pintura” | 24 |
| Figura 07: Vista de espaço interno da Biblioteca Anne Frank ocupado durante o curso “Espaços da Pintura” | 25 |
| Figura 08: Vista de jardim da Biblioteca Anne Frank ocupado durante o curso “Espaços da Pintura” | 25 |
| Figura 09: Imagem parte do post de divulgação do curso “Espaços da Pinutra” no perfil de Instagram da Biblioteca Municipal Anne Frank | 27 |
| Figura 10: Imagem parte do post de divulgação do curso “Espaços da Pinutra” no perfil de Instagram da Biblioteca Municipal Anne Frank | 27 |
| Figura 11: Imagem parte do post de divulgação do curso “Espaços da Pinutra” no perfil de Instagram da Biblioteca Municipal Anne Frank | 28 |
| Figura 12: Trabalhos realizados durante a proposta de aula de apresentação | 34 |
| Figura 13: Inscritos realizando proposta de aula de apresentação | 35 |
| Figura 14: Inscritos realizando proposta de aula de apresentação | 35 |
| Figura 15: Inscritos realizando proposta de aula de apresentação | 35 |
| Figura 16: Inscritos realizando proposta de aula de apresentação | 35 |
| Figura 17: Trabalhos expostos para conversa sobre experimentações propostas no encontro | 38 |
| Figura 18: Demonstração de mistura de cores primárias | 39 |
| Figura 19: Cores obtidas a partir de soluções de repolho roxo | 39 |

| | |
|---|----|
| Figura 20: Inscritos experimentando pigmentos. | 39 |
| Figura 21: Inscritos experimentando pigmentos. | 39 |
| Figura 22: Pintura realizada durante a primeira proposta. | 42 |
| Figura 23: Inscritos realizando pintura durante a primeira proposta. | 43 |
| Figura 24: Inscritos realizando pintura durante a primeira proposta. | 43 |
| Figura 25: Inscritos realizando pintura durante a segunda proposta. | 43 |
| Figura 26: Inscritos realizando pintura durante a segunda proposta. | 43 |
| Figura 27: Conversa e observação de trabalhos realizados no encontro. | 46 |
| Figura 28: Inscritos realizando experimentações durante a primeira proposta. | 47 |
| Figura 29: Inscritos realizando experimentações durante a primeira proposta. | 47 |
| Figura 30: Inscritos realizando experimentações durante a primeira proposta. | 47 |
| Figura 31: Inscritos realizando experimentações durante a primeira proposta. | 47 |
| Figura 32: Inscritos realizando pinturas individuais durante a segunda proposta. | 48 |
| Figura 33: Inscritos realizando pinturas individuais durante a segunda proposta. | 48 |
| Figura 34: Inscritos realizando pinturas individuais durante a segunda proposta. | 48 |
| Figura 35: Inscritos realizando pinturas individuais durante a segunda proposta. | 48 |
| Figura 36: Inscritos realizando pinturas individuais durante a segunda proposta. | 48 |
| Figura 37: Inscritos realizando pinturas individuais durante a segunda proposta. | 48 |
| Figura 38: Observação de pinturas do espaço da biblioteca. | 51 |

| | |
|---|----|
| Figura 39: Observação de pinturas do espaço da biblioteca. | 52 |
| Figura 40: Observação de pinturas do espaço da biblioteca. | 52 |
| Figura 41: Mistura de tintas e definição de tons para pintura de tronco da árvore. | 54 |
| Figura 42: Inscritos pintando tronco de árvore do mural. | 54 |
| Figura 43: Inscritos pintando tronco de árvore do mural. | 54 |
| Figura 44: Inscritos realizando stencils para copa de árvore do mural. | 55 |
| Figura 45: Inscritos realizando stencils para copa de árvore do mural. | 55 |
| Figura 46: Folha de testes e tons do stencils. | 55 |
| Figura 47: Pintura de mural finalizada. | 57 |
| Figura 48: Inscritos aplicando stencils para a copa de árvore do mural. | 58 |
| Figura 49: Inscritos aplicando stencils para a copa de árvore do mural. | 58 |
| Figura 50: Inscritos aplicando stencils para a copa de árvore do mural. | 58 |
| Figura 51: Inscritos aplicando stencils para a copa de árvore do mural. | 58 |
| Figura 52: Inscritos aplicando stencils para a copa de árvore do mural. | 58 |
| Figura 53: Inscritos aplicando stencils para a copa de árvore do mural. | 58 |
| Figura 54: Inscritos realizando pintura de interesse pessoal. | 59 |
| Figura 55: Inscritos realizando pintura de interesse pessoal. | 59 |
| Figura 56: Inscritos realizando pintura de interesse pessoal. | 59 |
| Figura 57: Inscritos realizando pintura de interesse pessoal. | 59 |
| Figura 58: Inscritos realizando pintura de interesse pessoal. | 59 |
| Figura 59: Inscritos realizando pintura de interesse pessoal. | 59 |
| Figura 60: Texto de apresentação de exposição de trabalhos e mural, assim como fotografias de encontros. | 61 |
| Figura 61: Exposição de trabalhos realizados durante o curso. | 62 |
| Figura 62: Pintura final de mural com assinatura do grupo. | 62 |
| . | |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| 1 DIÁLOGOS | 12 |
| 1.1 Memória..... | 12 |
| 1.2 Experiência | 14 |
| 1.3 Movimento Escolinhas de Arte: uma breve aproximação no tempo. . | 15 |
| 2 RELATOS..... | 17 |
| 2.1 Primeiras experiências com arte-educação | 17 |
| 2.2 “Espaços da Pintura” na Biblioteca Municipal Anne Frank | 22 |
| 2.2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO | 22 |
| 2.2.2 RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE “ESPAÇOS DA PINTURA” | 26 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 63 |
| REFERÊNCIAS | 65 |

INTRODUÇÃO

Tem-se aqui como objeto principal de estudo o relato de experiência. Partindo-se da análise do processos de realização de registros escritos acerca da experiência de conceber e ministrar o curso de pintura “Espaços da Pintura” na Biblioteca Municipal Anne Frank, no município de São Paulo, como estágio da disciplina “CAP0299 - Metodologias do Ensino das Artes Visuais IV com Estágios Supervisionados” e participação em um projeto PUB (Programa Unificado de Bolsas da USP).

Tais relatos são marcados pela descrição de planejamentos e dos acontecimentos ao longo das regências, atentando-se às configurações do espaço da oficina, seus participantes, reações, necessidades advindas dos momentos, mudanças de planos e considerações sobre cada processo.

Reconhece-se a importância do processo de registrar e rememorar essas vivências para minha formação docente, enquanto lugar potente à identificação de saberes provindos da experiência e de organização de percepções acerca do desenvolvimento desse processo formativo. Depreende-se desses momentos de escrita, considerações que só puderam me ocorrer em função da experiência na participação das propostas pedagógicas relatadas, e de a partir dos acontecimentos vividos, discernir ações consideradas adequadas aos seus respectivos contextos, assim como as inadequações, em uma reflexão sobre o que seria necessário repensar ou abraçar como referência para práticas futuras.

Partindo-se de um olhar sobre aspectos desses relatos e das experiências apresentadas, dialoga-se com conceitos e autores nos quais identificou-se conexões com as reflexões levantadas. Primeiramente, faz-se um paralelo com o conceito de “memória oral” de Eclea Bosi, considerando-se os aspectos inerentes ao relato, de compartilhamento de fatos vivenciados em um contexto e um cotidiano, sob uma perspectiva singular, marcada pela realidade a que está inserida. Em seguida, discorre-se sobre as concepções de “experiência” de John Dewey e “saber da experiência” de Jorge Larrosa, no intuito de trazer concepções acerca dessas expressões tão presentes ao longo texto, e portanto, marcantes ao se refletir sobre os impactos dos relatos de experiência para minha formação. Por fim, traz-se uma breve apresentação da história e características do Movimento Escolinhas de Arte, apontando aspectos convergentes a abordagens presentes nas experiências vividas, em uma intenção de buscar identificar na história da arte-educação, possíveis bases para intencionalidades e ideias defendidas ao longo do curso relatado.

De tal modo, dentre pesquisas e a rememoração de experiências, por meio de uma escrita detalhada e atenta às sutilezas de momentos vividos, entre os espaços, pessoas, histórias e tempos que os constituíram, buscou-se identificar as marcas desse percurso, tomando o olhar para um passado como alicerce para se pensar um futuro na prática docente.

1 DIÁLOGOS

1.1 Memória

O olhar sobre a memória é um dos pilares centrais do presente trabalho, enquanto objeto de registro e reflexão acerca de experiências pedagógicas, e seu reconhecimento como elemento constantemente presente no processo de formação docente, dentre a retomada de uma vivência passada como metodologia de estudo, sua referência para ações no presente e vontades para um futuro.

Tal perspectiva provém da percepção do quanto as memórias de experiências reveberaram e reverberam na minha formação enquanto docente, e como essa formação é anterior à minha graduação, a exemplo da maneira com que as vivências enquanto estudante trazem bagagens no modo de enxergar e agir para com a educação, como nos propósitos priorizados e acolhimento ou rejeição de referências provindas de experiências passadas.

Percebo que ao longo das oportunidades de conceber e reger uma proposta pedagógica, os processos de planejamento e de prática foram marcados por um fluxo de tempos, memórias ou escolha de posicionamentos que, por vezes, mal tinha-se consciência da origem. E em cada um desses, em cuja a maioria foi necessário elaborar algum material escrito de registro e reflexão, tal momento foi importante para retomar e observar um percurso sobre essas experiências,

suas motivações, pressupostos, como essas se adequaram em função do público e do contexto vivenciado, as mudanças no planejamento durante as regências, a partir do reconhecimento de outras necessidades do grupo com que se interagia, e a identificação de ações e escolhas lidas como bem sucedidas a um contexto, assim como o contrário, tomando-as como referências para situações posteriores. De tal modo, a partir da identificação de seu impacto na própria experiência, reconhece-se o potencial do relato de uma experiência formativa, em acordo com as palavras de Denice Catani (2003):

“[...] o pressuposto sobre o qual se assenta a proposição de escrita dos relatos de formação/narrativas autobiográficas é o de que esse processo favorece para os sujeitos a reconfiguração de suas próprias experiências de formação e escolarização e enseja uma atenção mais acurada para com as situações nas quais se responsabiliza pela formação do outro.” (CATANI, 2003, p. 127)

Constatando-se, portanto, a importância da memória para a formação, tendo nos relatos, como serão apresentados mais à frente neste texto, uma metodologia de reflexão e organização, entende-se tal documentação resultante como um material de uma história, com suas marcações temporais e materiais, com seus sujeitos e sob um olhar particular. Tais registros foram elaborados por alguém que fez parte dos processos de criação e regências das propostas pedagógicas a serem apresentadas, e esse ponto de vista certamente impacta a abordagem e os detalhes do texto, marcado ainda por todas as especificidades das experiências relatadas, explicitando a importância da consciência das singularidades de cada contexto educacional, tanto para pensar suas práticas, quanto para registrar e olhar para sua história.

Ao trabalhar sobre tais relatos como método de reflexão e pesquisa para a formação docente, mas também como um documento de registro, embasa-se na perspectiva de Ecléa Bosi (2003) acerca da memória oral, na identificação do potencial desse material enquanto constituinte de uma história. Bosi apresenta a memória como “um instrumento precioso se desejarmos constituir a crônica do quotidiano” (BOSI, 2003, p.15) e questiona os métodos e embasamentos da história, que “se apóia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios” (BOSI, 2003, p.15).

Bosi traz a memória oral como a história de aspectos do quotidiano, dos micro comportamentos, uma “História das Mentalidades e das Sensibilidades” (BOSI, 2003, p.15). E é sob esse olhar, que os relatos apresentados, enquanto depoimentos de experiências vividas, se relacionam à perceptiva de memória oral de Bosi. Buscam trazer consigo, os aspectos quotidianos e individuais da vivências pedagógicas relatadas, os lugares ocupados, as materialidades presentes, as vontades e ações de seus sujeitos, os impulsos e desdobramentos dos acontecimentos, as mudanças de percurso e as percepções dos impactos sobre os indivíduos e espaços envolvidos, em uma escala de minha experiência individual enquanto relatora.

Assim, pensa-se os relatos a serem apresentados, como uma documentação das singularidades de um contexto formado por lugares, pessoas, materialidades, subjetividades e tempos, tendo-se consciência de que estão ainda inseridos em escalas contextuais maiores.

dentre outros acontecimentos presenciados, são “[...] aquelas coisas de que dizemos, ao recordá-las: ‘isso é que foi experiência’” (Dewey, 2010, p.110).

Essa concepção de experiência perpassa as reflexões do presente texto sob múltiplos aspectos que se interseccionam. Primeiramente, diante do reconhecimento de experiências que afetaram minha formação e prática docente, marcadas por encontros, aulas, leituras, pessoas, lugares, períodos de tempo. E nesse processo de observação e identificação das experiências, da recordação e reconhecimento de seus efeitos, percebe-se a importância de tê-las experienciado, vivido um processo significativo em um momento, e que reverbera para além desse.

1.2 Experiência

Diante de diferentes momentos de minha graduação na licenciatura em artes visuais, dentre aulas, pesquisas, planejamentos, regências e registros, uma palavra esteve constantemente presente, a *experiência*, seja falada, escrita ou vivenciada. No reconhecimento da ação transformadora provinda de uma *experiência*, na percepção de conhecimentos que só podem ser construídos a partir da *experiência*, na vontade de, através da arte, proporcionar *experiências* a outros indivíduos.

Como palavra tão presente no vigente texto, faz-se importante refletir acerca de seu significado, e como esse se conecta à escolha de seu uso em tantos momentos. Jorge Larrosa (2002) traz a palavra *experiência* como aquilo que “nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (LARROSA, 2002, p.21), enfatizando o “nós” em sua fala, no sentido de algo particular que ocorra no sujeito e o afete, em contraste às muitas coisas que possam ocorrer no mundo, mas que não necessariamente aconteçam ao indivíduo. John Dewey (2010) nomeia essa *experiência* que ocorre ao sujeito como “*experiência singular*” (DEWEY, 2010, p.109), marcada por sua especificidade de qualidade e unidade ao ser referenciada em expressões como “aquele refeição, aquela tempestade, aquele rompimento de amizade” (DEWEY, 2010, p.112). Trata-se de algo que deixa marcas, identificável

Diante do peso que o experienciar tem sobre minha formação, essa ênfase é percebida em diversas práticas, cujos caminhos só foram entendidos de forma mais sistemática após um processo de retomada e reorganização pela escrita. Ao longo de distintas práticas pedagógicas, dentre a ser relatada mais a frente, o enfoque à *experiência* permanece constante: na vontade de proporcionar *experiências* significativas ao grupo com que se interage, nos tempos do planejamento de aulas separados para a experimentação com as linguagens e materialidades trabalhadas, no reconhecimento da importância do processo enquanto momento de raciocínio, organização de pensamento e construção de conhecimento.

Tal relevância do experienciar é perceptível nos relatos a serem apresentados, referidos aqui como “relatos de *experiência*”, cuja descrição dos acontecimentos e reflexões consequentes destes, condensa conhecimentos que só foram possíveis de se solidificar a partir da *experiência*, e traz fluxos de pensamentos procedentes da vivência de elementos desta: o tempo da prática, o tempo climático, as pessoas presentes, os acontecimentos e suas consequências, toda a sua materialidade. A partir dos relatos, comprehende-se o quanto a ação sobre o presente em práticas pedagógicas trazem consigo uma bagagem de referências de *experiências* passadas, cuja interação entre esses dois tempos pode ocasio-

nar uma nova experiência, um novo saber provindo dessa, e uma nova referência para momentos posteriores.

Em confluência ao pensamento de Larrosa (2002), que apresenta o saber da experiência enquanto “[...] o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece” (LARROSA, 2002, p.27), provém de um processo de retroalimentação, dentre reestruturações entre pensamento e prática, críticas e abraços à certas posturas, cujos saberes são ressignificados e reorganizados a partir da experiência.

1.3 Movimento Escolinhas de Arte: uma breve aproximação no tempo

Em uma formação profundamente marcada pelo aprendizado e consolidação de saberes, princípios e abordagens da prática docente a partir da experiência, os processos dessa prática foram majoritariamente pautados em dados da vivência: planejamentos que consideram características de um público observado, discussões em aula a partir de uma proposta pedagógica vivenciada, atenção aos retornos dessa vivência, quanto a tempos, momentos e respostas com o grupo trabalhado. E ainda que leituras e conversas sobre fundamentações teóricas tenham sido realizadas em diversas disciplinas, para mim, a ação e o pensamento sobre a prática parecem ser referenciais mais concretos ao se pensar e vivenciar uma experiência com a arte-educação.

O processo de reflexão sobre a prática a partir da escrita, além de evidenciar a relevância da experiência para a formação enquanto educadora, também trouxe um questionamento sobre a origem dos princípios presentes nas práticas concebidas e vivenciadas. Percebe-se o quanto esses valores, identificáveis nas intencionalidades e abordagens de propostas concebidas ou observadas, estiveram presentes nas discussões em sala de aula, e que foram abraçadas na prática por fazerem sentido aos contextos com que se pode ter contato e a von-

tades para com a educação. Assim, dentre pesquisas relativas à identificação de abordagens na arte-educação que dialoguem com as bases para idealização e prática das experiências aqui narradas, reconheceu-se o Movimento Escolinhas de Arte¹ (1948-) como uma expressiva referência.

O Movimento Escolinhas de Arte (MEA) iniciou-se no Rio de Janeiro em 1948, com a abertura da Escolinha de Arte do Brasil (EAB), por uma iniciativa conjunta do artista Augusto Rodrigues, a artista e professora de artes a Lúcia Alencastro Valentim e a escultora Margareth Spencer, e resultou na inauguração de outras escolas importantes para a história da arte-educação como: a Escolinha de Arte do Recife (EAR), ainda em atividade, por Noemí Varela juntamente a Augusto Rodrigues em 1953; a Escolinha de Arte da Universidade de Brasília em 1964, por Ana Mae Barbosa e Alcides da Rocha Miranda; e a Escolinha de Arte de São Paulo também por Ana Mae, em parceria com Joana Lopes e Madalena Freire em 1968.

De acordo com a educadora Noemí Varela, por meio de entrevista cedida a Fernando Azevedo, o MEA teria sido o primeiro movimento de arte-educação relevante no Brasil, tendo impacto no ensino de arte formal e não-formal: “[...] esse movimento representou um marco em nosso ensino de Arte, acontecendo fora do contexto das escolas formais, mas influenciando-as com seus princípios” (AZEVEDO, 2000, p.30).

Em uma breve pontuação acerca de alguns momentos históricos para ensino de arte no Brasil anteriores ao MEA, é possível observar um percurso de abordagem aos quais pode-se relacionar este, dentre questionamentos e diálogos. Dentre divergências, é possível citar o exemplo da abordagem da Academia Imperial de Belas Artes (1816-1931), caracterizada por suas normas, regras de ensino, hierarquização de gêneros e temas e imposição de modelos europeus. Enquanto acerca de proximidades, pode-se pontuar o Movimento Escola Nova, uma vez que ambos traziam a proposição de uma nova organização escolar distinta na vigente, considerando-se aluno como sujeito de seu próprio saber, cuja

forma de pensar e agir no mundo deveria ser valorizada (AZEVEDO, 2000, p.37).

No processo de pesquisa acerca de práticas e princípios do MEA ao trabalhar a arte-educação, foi possível identificar alguns destes presentes no curso “Espaços da Pintura”, como poderá ser observado nos relatos a seguir. Primeiramente há a liberdade de criação defendida ao longo do curso, sem a determinação de modelos a serem alcançados, em que apesar de delinear-se propostas, em nenhum momento eram apontados erros ou acertos e cada resposta por parte dos alunos era acolhida e discutida. Considerava-se para tal, o percurso e repertório de cada participante das oficinas, valorizando-se as experimentações, questionamentos e ações resultantes do processo, de modo a buscar-se pontuar a especificidade de cada produção, marcada pelas singularidades de seus autores, como o repertório pessoal e contexto ao qual está inserido. Reconhece-se que tais posturas dialogam com pressupostos da arte-educação modernista adotados pela MEA, como “aquele que rompe com a tradição da cópia, desejo pela novidade, liberdade de criação, pesquisa estética inspirada em aspectos da cultura e da realidade brasileira” (AZEVEDO, 2000, p.41).

Outro aspecto de convergência com o MEA importante a se destacar é o pressuposto de que todos podem fazer arte, uma vez que “O MEA buscou democratizar a Arte como um fazer acessível a todos, não apenas valorizando os talentosos ou bem dotados em detrimento daqueles aparentemente menos sensíveis” (AZEVEDO, 2000, p.42). Assim, nas práticas do curso vivenciado, não se acreditava em conceitos como dom e talento ou uma maior valorização de alguma forma de expressão em detrimento de outras, quanto a características técnicas ou temáticas.

Desta maneira, diante do processo de reflexão e reconhecimento de aspectos de uma experiência vivenciada, reconhece-se em um marco histórico para a arte-educação como o Movimento Escolinhas de Arte, possíveis percursos históricos de um pensamento que se identifica como presente na prática docente e que se defende.

¹Utiliza-se no presente texto, a denominação “Movimento Escolinhas de Arte” ao invés de “Movimento Escolinhas de Artes do Brasil”, por apresentar-se alguns de seus princípios gerais, presentes em escolas constituintes do movimento fundadas em outros países, ainda que os exemplos citados fiquem nas experiências brasileiras.

2 RELATOS

2.1 Primeiras experiências com arte-educação

Ao longo da graduação em Licenciatura em Artes Visuais, foram possíveis diferentes experimentações relativas à prática docente, desde a observação de contextos educativos formais e informais, até o planejamento de propostas pedagógicas e regência, por meio de estágios ou das próprias propostas das disciplinas. Em relação às disciplinas do Departamento de Artes Plásticas da ECA-USP, houve momentos de proposição da elaboração de um planejamento de aula a ser compartilhado ou ministrado para a própria turma, resultando em espaços de troca e discussão sobre tais propostas, iniciando-se um processo de reflexão a ser considerado em momentos posteriores.

Durante as primeiras experiências de estágio em que foi possível realizar regências, essas foram principalmente caracterizadas pelo oferecimento de oficinas, mesmo que em ambiente escolar. Nesse contexto, destaco aqui duas oficinas ministradas na EMEF Espaço de Bitita, consideradas como experiências significativas para o início de minha prática docente e para uma identificação pessoal com o ensino não-formal de arte, através de oficinas, ateliês ou cursos de curta duração.

A EMEF Espaço de Bitita é uma Escola Pública Municipal, em que oferecimen-

to de oficinas semanais foi uma iniciativa da professora de arte Carolina Cortinove, como uma atividade extracurricular, cujas temáticas foram pensadas a partir do levantamento de vontades ou necessidades dos estudantes, a exemplo das oficinas de poesia falada, que a professora desenvolveu como preparação para o evento “Slam Bitita”, e que puderam ser acompanhadas durante o período de estágio. Observou-se nessa iniciativa, a criação de um espaço de troca e criação para além das obrigatoriedades curriculares, cuja inscrição era totalmente voluntária, impulsionada pelo interesse, sem qualquer cobrança de trabalhos ou notas. Foi nesse contexto, durante participação do programa Residência Pedagógica, que pude ministrar duas oficinas a serem descritas a seguir.

A primeira foi denominada “Oficina de Paisagem Sonora”, oferecida aos 5º e 6º anos, e com duração de 1h30, em parceria com outra participante do Residência Pedagógica, a estudante de música Michelle Melo. Nessa oficina, explorou-se a temática da paisagem sonora a partir da discussão de tópicos como o silêncio na música, os sons do ambiente e as relações sinestésicas presentes em representações visuais de sons. Em um momento inicial, discutiu-se os conceitos de paisagem e paisagem sonora, apresentou-se uma partitura de música para mostrar como sons e pausas são representados visualmente nessas, exemplos de expressão de sons em histórias em quadrinhos, e uma demonstração de interpretação de sons a partir de desenhos, em que eu desenhava algumas formas na lousa ou pedia que a turma sugerisse formas, e Michele realizada um som na viola, baseada nessas formas. A seguir, realizou-se uma prática de desenho, em que no espaço externo da escola, propôs-se que os estudantes buscassem prestar atenção nos sons do ambiente em que estavam e os representassem visualmente a partir do desenho e de cores.



Figura 01: Estudantes desenhando na “Oficina de Paisagem Sonora”. Fonte: Autora (2022).



Figura 02: Desenhos realizados por estudantes na “Oficina de Paisagem Sonora”. Fonte: Autora (2022).

A segunda experiência consistiu em uma “Oficina de Animação”, voltada para os 8º e 9º anos, em dois encontros de 1h30. Nesta, buscou-se apresentar algumas técnicas de animação, como a animação tradicional quadro a quadro, por recortes, *stop motion* e o planejamento com *storyboard*, com apresentação de referências enfatizando a autoria de pessoas latino-americanas e mulheres na história da animação e a realização de uma pequena produção animada. No primeiro encontro, iniciou-se um exercício prático com a realização de um taumátrópio, um disco preso a dois cordões em lados opostos ou um palito, cujas duas faces opostas são constituídas por imagens diferentes que se fundem quando girado. A seguir, mostrou-se alguns exemplos de referências de animações em técnicas diferentes, com a apresentação de um exemplo prático relativo a cada uma para que os inscritos pudessem manipular, como um *flipbook*, um caderno com desenhos sequenciais que resulta na sensação de movimento ao se folhear, para demonstrar a animação tradicional; peças de papel de um personagem, como exemplo de uso de animação por recortes; e *gifs* de animação em *stop motion* com objetos do cotidiano. Enquanto no segundo encontro, foi proposto a realização de uma pequena animação em grupos por técnica de livre escolha, em que se fez uma breve explicação sobre o planejamento de animações por meio de *storyboard*, uma sequência de desenhos de momentos da animação, e ensinou-se como utilizar um aplicativo gratuito de animação denominado *Stop Motion Studio*, para captação e exportação dos quadros da animação em um arquivo de *gif* ou vídeo.

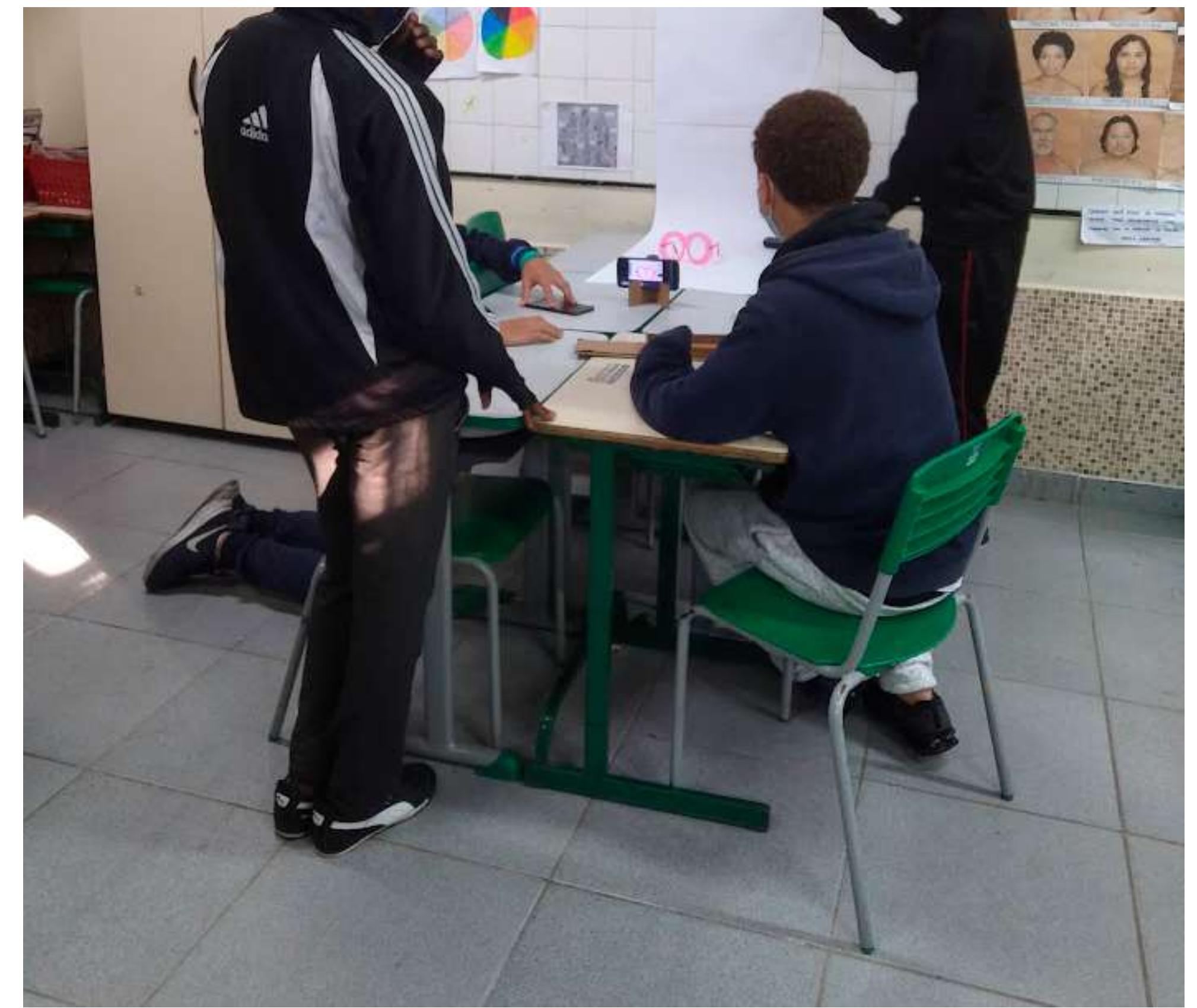


Figura 03: Estudantes produzindo Stop Motion durante “Oficina de Animação”. Fonte: Autora (2022).

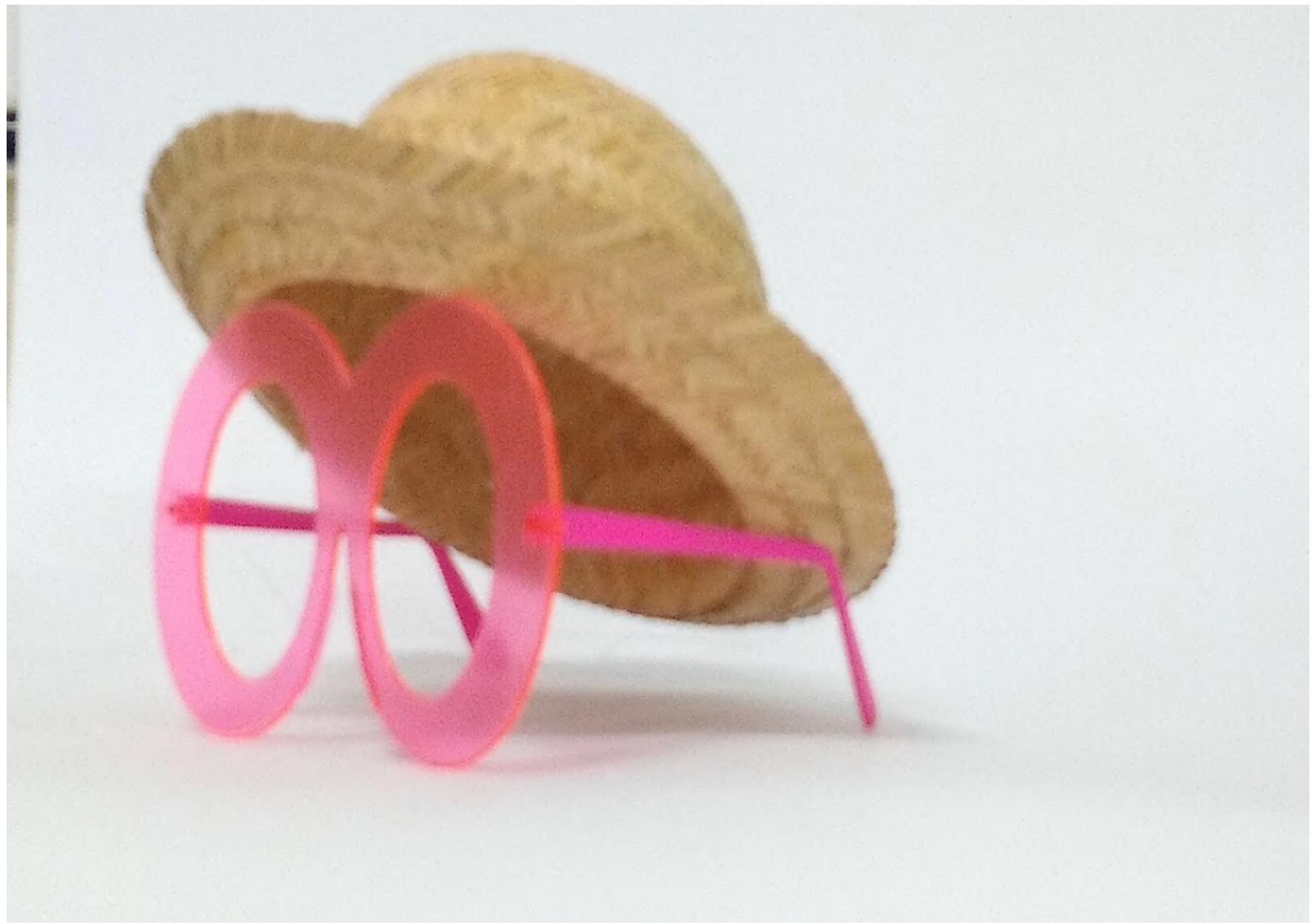


Figura 04: Frame de Stop Motion produzido por estudantes durante “Oficina de Animação”. Fonte: Autora (2022).

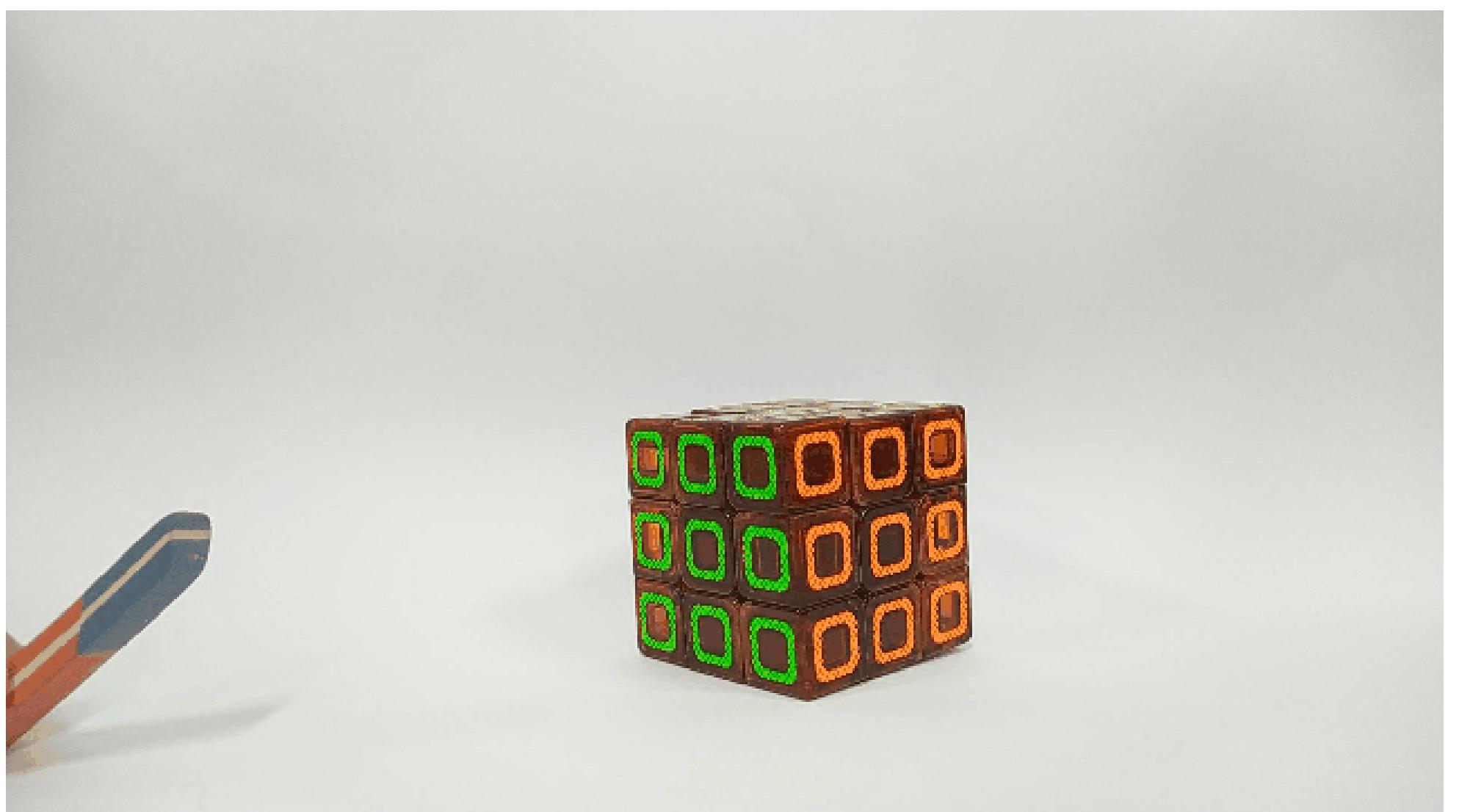


Figura 05: Frame de Stop Motion produzido por estudantes durante “Oficina de Animação”. Fonte: Autora (2022).

Dessas experiências, é importante salientar que ambas foram concebidas considerando-se as necessidades do contexto, a primeira oficina foi pensada em um cenário no qual a escola realizava atividades que trabalhassem a ideia de pertencimento e cuidado com o espaço escolar, de modo que se buscou exercitar a percepção desde a partir da atenção aos seus sons. Enquanto na segunda oficina, durante os períodos de observação em estágio, era evidente o interesse por animação por grande parte dos estudantes, uma vez que muitos demonstravam proximidade em seu cotidiano, portanto, apresentar os processos e possibilidades de realização de uma animação pareceu uma iniciativa que despertaria interesse e que se agregaria a seus repertórios.

Percebe-se ainda a importância dessas vivências enquanto oportunidade de contato com uma realidade concreta, marcada pelas especificidades dos vários contextos presentes nessa, seus espaços, momentos, história e indivíduos, de modo instigar uma reflexão acerca de minha própria interação com esses contextos, na percepção de posturas e pensamentos, reconhecimento de aspectos a serem trabalhados, tanto na prática pedagógica quanto nos processos individuais. Essas experiências trouxeram ainda um repertório inicial quanto às diferenças entre planejamento e prática, uma vez que os desdobramentos de uma proposta estão diretamente vinculados ao contexto concreto em que é realizada: imprevistos materiais, reação do público, necessidade de alteração de tempos, ações que não podem ser previstas ou ainda decisões que precisam ser tomadas em função da necessidade do momento vivenciado.

Dessa forma, percebe-se o quanto ações e intenções presentes nessas primeiras experiências reverberaram em práticas posteriores, e cuja reflexão sobre esses processos, seja por meio de outras vivências ou pelo próprio momento de criação do registro escrito, evidenciam os direcionamentos do percurso formativo sobre o qual me debruço a seguir.

2.2 “Espaços da Pintura” na Biblioteca Municipal Anne Frank

2.2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Os relatos aqui apresentados são resultado de um processo de observação e vivência com o curso de pintura “Espaços da Pintura”, na Biblioteca Municipal Anne Frank, enquanto participante da concepção, regência e registro do curso.

O curso foi realizado como estágio obrigatório da disciplina “CAP0299 - Metodologias do Ensino das Artes Visuais IV com Estágios Supervisionados”, do Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (CAP-ECA-USP), ministrada pela Prof^a Dr^a Dália Rosenthal, durante o segundo semestre de 2022. A proposta da disciplina foi a experiência do ensino de arte em um espaço de ateliê, com o oferecimento de cursos ou oficinas para a comunidade em uma instituição cultural.

“Espaços da Pintura” foi concebido e ministrado em um grupo quatro estudantes da disciplina, aos quais estou inclusa: Beatriz Camargo, Letícia Brasil, Pâmella Correa e Rodrigo de Oliveira. Foi oferecido na Biblioteca Anne Frank, uma biblioteca municipal, cujas atividades iniciaram-se ao final da década de 1940, como a segunda biblioteca infantil do município de São Paulo e, atualmente, é

voltada a todos os públicos.

Além de um vasto acervo de livros para consulta e empréstimo, com uma seção própria para o público infanto-juvenil, a biblioteca oferece atividades como contação de histórias, peças teatrais, saraus e cursos. Localiza-se na Rua Cojuba, 45, Itaim Bibi, próxima à Avenida Faria Lima, à Estação Cidade Jardim da Linha 9 - Esmeralda e ao Parque do Povo, em uma região caracterizada por grandes prédios comerciais e residenciais de classe média alta. A quadra em que se encontra a biblioteca é tombada, e portanto, destaca-se por seu contraste quanto à arquitetura de suas construções e seus equipamentos públicos, como o Centro Cultural da Diversidade, a UBS Doutor José de Barros Magaldi, a EMEI Tide Setubal, a EE Prof. Cecílio José Ennes e uma unidade CAPS III (Centro de Atenção Psicossocial).

Antes de “Espaços da Pintura”, uma experiência já havia sido realizada junto à biblioteca no primeiro semestre de 2022, o curso “LiteraPintura”, vinculado à disciplina CAP 0291- Metodologia do Ensino da Artes III com Estágios Supervisionados, do qual também participei. A escolha de se trabalhar a linguagem da pintura resultou de, conforme expressado pela coordenação da biblioteca, a percepção da vontade de frequentar um curso de pintura por parte de seu público. Dessa forma, “LiteraPintura” foi concebido com o intuito de estabelecer um diálogo entre a pintura e o acervo literário da biblioteca, assim como uma reflexão acerca dos processos criativos dos participantes.

Um dos aspectos mais marcantes deste primeiro curso foi sua abordagem experimental, em que na interação entre o pouco tempo para estender-se em conceitos específicos, a proposta de ser um curso sem pré-requisitos quanto à prática da pintura, o repertório do grupo de estudantes que regeriam o curso e a limitação de materiais disponíveis para uso, optou-se por propor experimentações variadas, sem definições rígidas quanto a resultados, considerando-se os recursos materiais e enfatizando à turma a inexistência de uma resposta certa

ou errada. Buscou-se trazer a experimentação desde a escolha ou confecção dos materiais utilizados, como as tintas, utensílios e suportes, em que no uso de materiais baratos, facilmente disponíveis no cotidiano, para além dos cânones da pintura tradicional, propôs-se tratar a pintura em sua amplitude de possibilidades e que possa ser realizada por qualquer pessoa.

Continuando-se a parceria com a biblioteca, “Espaços da Pintura” foi concebido a partir dos retornos positivos do primeiro curso e a permanência de alguns contextos para o segundo, como o público heterogêneo, a ausência de pré-requisitos quanto a repertórios com a pintura, os materiais disponíveis e a permanência de parte do grupo de regentes do curso “LiteraPintura”. Optou-se, portanto, por manter-se o aspecto experimental, de exploração de materiais e suportes baratos presentes no cotidiano, porém, com um foco diferente, abordando o espaço na pintura sob diferentes possibilidades, desde o espaço físico até o subjetivo, o que resultou no título “Espaços da Pintura”. A escolha do enfoque do curso surgiu da vontade de trabalhar algumas abordagens com a pintura pouco exploradas no curso anterior, como trabalhos coletivos e em grande escala, dessa forma, juntamente com a disponibilização por parte da biblioteca para a intervenção na parede de uma das salas e de um material sobre sua história, pensou-se em um curso que tratasse do espaço na pintura, em suas diferentes conformações, como o espaço pessoal, subjetivo, físico, histórico e pictórico, articulando esses conceitos às atividades propostas no curso.

O curso ocorreu majoritariamente na maior sala da biblioteca, localizada a partir da entrada lateral ao fim do corredor, anterior às salas de literatura infantjuvenil. Consiste em uma sala retangular, com piso de madeira e paredes claras, com janelas com vitrões e portas em suas laterais de maior extensão, de modo a ter um boa iluminação natural e ventilação. As estantes são dispostas encostadas nas paredes, e na parte central do ambiente, logo à entrada, há alguns sofás e poltronas, seguidos de mesas retangulares e redondas na parte mais ao fundo.

da sala, em que se organizou as mesas conforme a necessidade do dia, como na união das mesas em grandes grupos de trabalho, ou no uso de uma mesa menor ou parte de alguma dessas para alocar os materiais disponíveis. Essa área ocupada era próxima das portas da sala, que davam acesso a duas áreas de jardim da biblioteca, onde haviam algumas árvores de médio porte, arbustos e flores, de modo que algumas atividades também utilizaram ou articularam esse espaço externo. Desse modo, o ambiente de realização do curso era um espaço moldável, reconstruído e alterado a cada encontro, e conforme suas necessidades, o ateliê era montado e se conformava às tardes de quarta-feira, e após esse momento, o espaço voltava a se apresentar como comumente na biblioteca.



Figura 06: Vista de espaço interno da Biblioteca Anne Frank ocupado durante o curso “Espaços da Pintura”. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 07: Vista de espaço interno da Biblioteca Anne Frank ocupado durante o curso “Espaços da Pintura”. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 08: Vista de jardim da Biblioteca Anne Frank ocupado durante o curso “Espaços da Pintura”. Fonte: Anna Aguiar (2022).

Dada tal contextualização, é importante pontuar que a elaboração dos relatos de experiência fazem parte de minha participação em um projeto PUB (Programa Unificado de Bolsas) da USP, edital 2022-2023, coordenado pela Profª Drª Dália Rosenthal, cujo meu papel neste, foi de além de acompanhar e auxiliar nas atividades dos cursos ministrados na biblioteca, criar um material de memória escrito desses processos.

Optou-se por apresentar aqui os relatos relativos apenas ao primeiro curso acompanhado ao longo do período do edital da bolsa PUB, o “Espaços da Pintura”, devido a ter ministrado o mesmo, e portanto, ser considerado mais propício para exemplificar os impactos para com minha formação docente. Nesses relatos, é característico, portanto, o ponto de vista de uma estudante em formação, que participou dos planejamento e regências do curso, testemunhando e integrando discussões e decisões internas, mudanças de planos e tendo contato direto com os participantes do curso.

Ao longo do processo de elaboração dos relatos, buscou-se estabelecer um método e ritmo de escrita, que considerei mais adequado para um registro consistente dos detalhes tidos como mais relevantes para a construção de uma memória. Primeiramente, quanto ao intervalo entre a experiência e o registro, buscava sempre anotar em tópicos os acontecimentos e detalhes relativos a cada encontro, no mesmo dia em que era ministrado, logo que chegava em casa. No dia seguinte, escrevia o texto do relato, desenvolvendo cada um dos tópicos anotados no dia anterior. Esses intervalos foram determinados reconhecendo-se um ritmo próprio de escrita, pois como o curso era ministrado no período da tarde, e chegava em casa a noite, percebia que não possuía disposição para a escrita no mesmo dia, além disso, esse intervalo de um dia a outro, foi considerado um tempo propício ao processamento de certos acontecimentos do encontro, assim como a uma organização da percepção sobre os mesmos. Segundo, quanto aos conteúdos relatados, buscou-se trazer uma intenção geral da aula,

o planejamento original esquematizado, e uma descrição do que ocorreu em si no dia, atentando-se ao que foi alterado em relação ao planejado, como o espaço foi organizado, a disposição e utilização de materiais, as respostas dos participantes, quanto à comportamentos, envolvimento com a proposta, aspectos de destaque dos trabalhos, assim como dificuldades, e conclusões provenientes dos processos, sobre o que funcionou conforme nossas intencionalidades, o que superou expectativas e o que poderia ser aprimorado.

2.2.2 RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE “ESPAÇOS DA PINTURA”

A seguir, são apresentados relatos referentes aos planejamentos e regências do curso “Espaços da Pintura”, em que são descritas desde as decisões iniciais para o curso, os objetivos de cada encontro, os acontecimentos durante as aulas e as reflexões resultantes da experiência.

25/08/2022 Reunião na biblioteca

Discussão acerca da abordagem do curso:

Definiu-se realizar um diálogo da pintura com o espaço, sendo esse o próprio espaço físico da biblioteca, assim como outros conceitos de espaço, como o pictórico e o imaginário.

Definição dos textos de divulgação:

Conversou-se junto ao coordenador da biblioteca detalhes como: nome do curso, tempo de duração diário, início das aulas, faixa etária do público alvo e número de vagas, e elaborou-se um texto para divulgação em redes sociais, blog

da biblioteca e e-mails, cuja elaboração do material visual e a própria divulgação foram realizados pelo biblioteca. Pensou-se em iniciar a divulgação do dia 05 de setembro e fechar a lista até dia 19 de setembro.

Conteúdo de divulgação:



Figura 09: Imagem parte do post de divulgação do curso “Espaços da Pinutra” no perfil de Instagram da Biblioteca Municipal Anne Frank. Disponível em:< https://www.instagram.com/p/CiAM-2BusfbL/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA== >. Acesso em 20 nov. 2023.

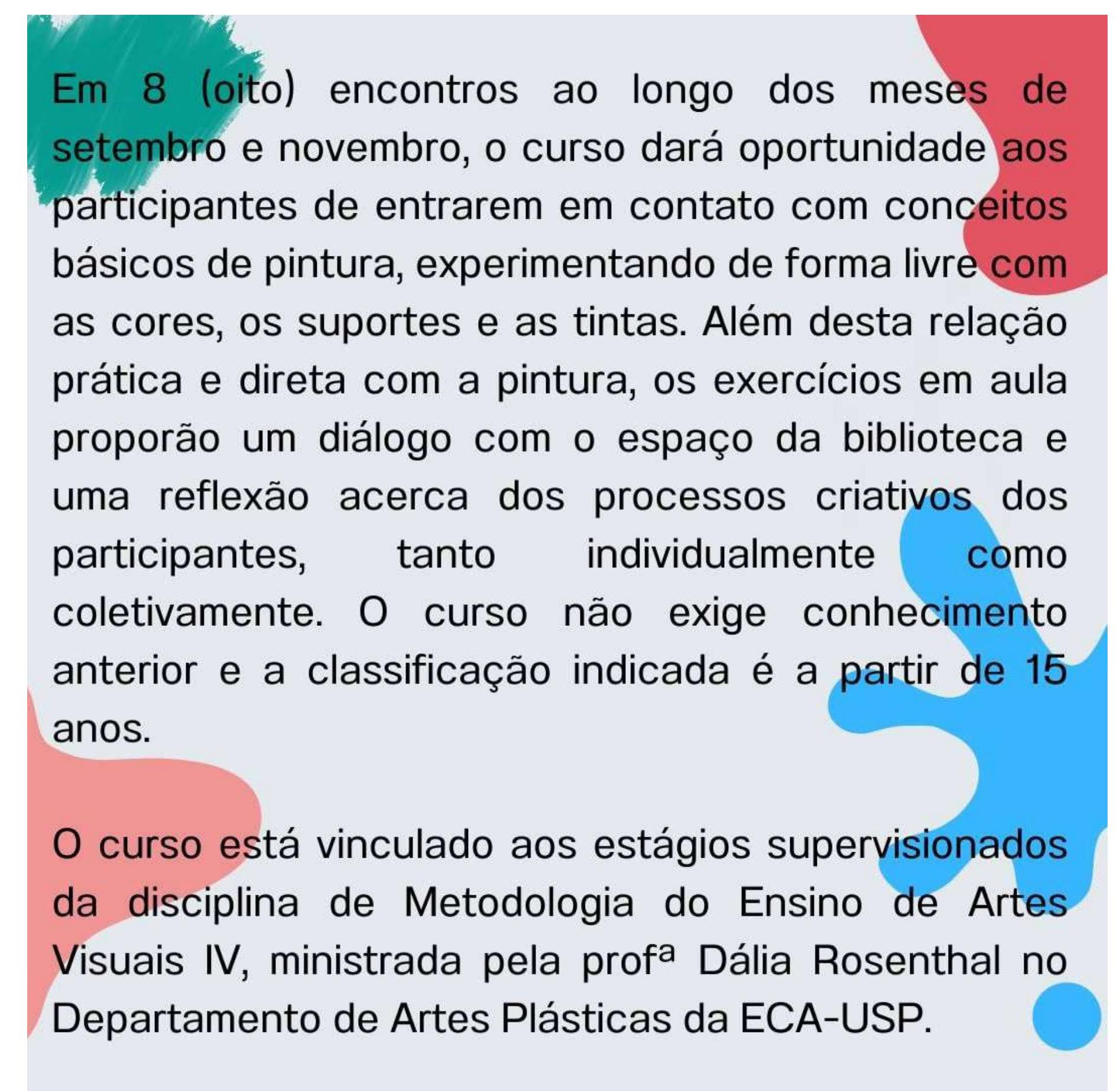


Figura 10: Imagem parte do post de divulgação do curso “Espaços da Pinutra” no perfil de Instagram da Biblioteca Municipal Anne Frank. Disponível em:< https://www.instagram.com/p/CiAM-2BusfbL/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA== >. Acesso em 20 nov. 2023.

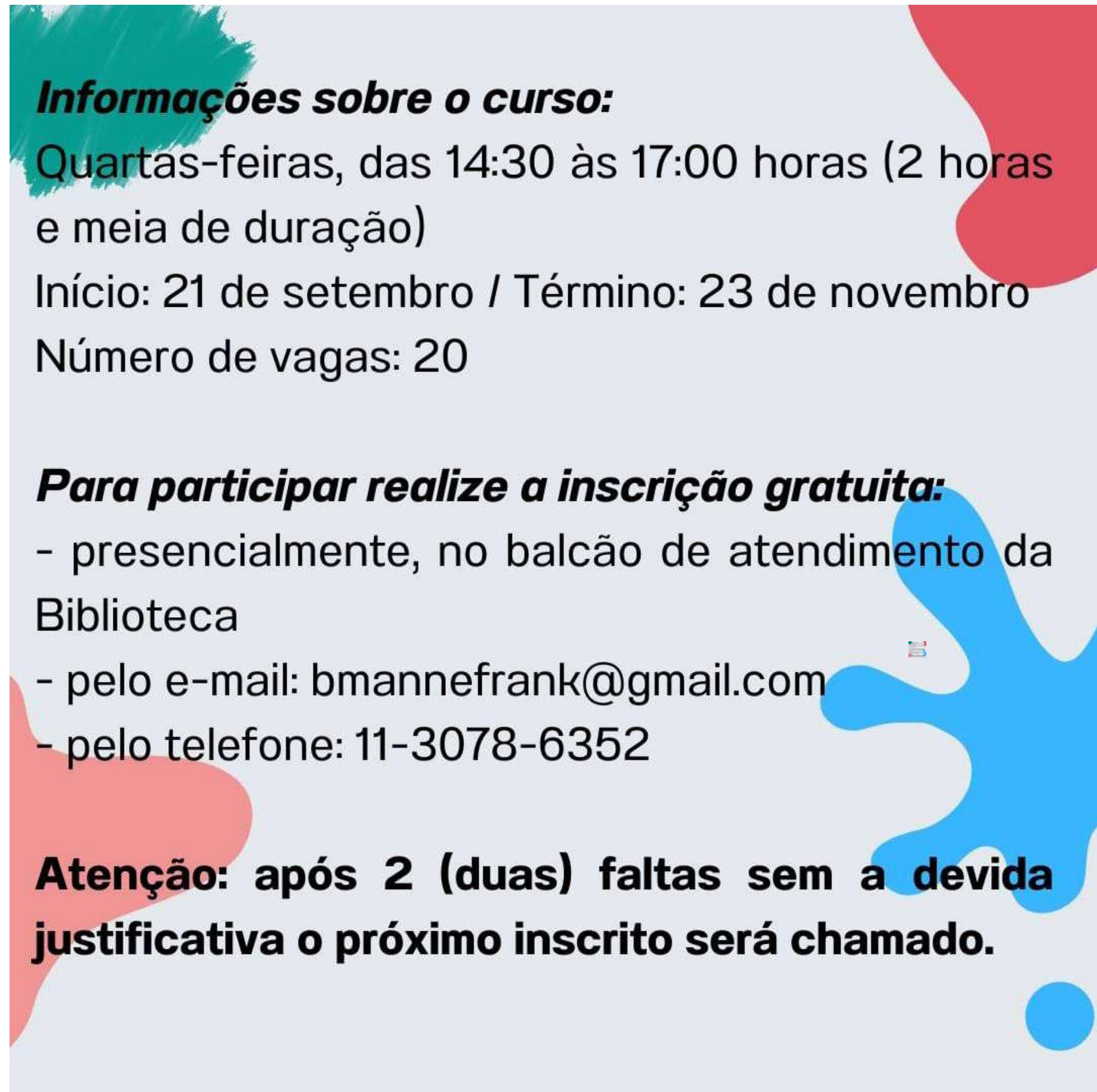


Figura 11: Imagem parte do post de divulgação do curso “Espaços da Pinutra” no perfil de Instagram da Biblioteca Municipal Anne Frank. Disponível em:< https://www.instagram.com/p/CiAM-2BusfbL/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA== >. Acesso em 20 nov. 2023.

Organização e observação de materiais:

A professora Dália trouxe à biblioteca alguns materiais artísticos, aos quais foram organizados junto ao grupo no espaço para armazenamento disponibilizado pela biblioteca, que providenciou um armário e já havia guardado os materiais utilizados no curso ministrado no semestre anterior.

Início das discussões acerca das propostas de aula para o curso:

Dentro da ideia de realizar um painel coletivo com a turma do curso, conversou-se com o coordenador William acerca da possível intervenção em algum espaço da biblioteca, e ele autorizou a pintura da parede de uma das salas. Junto a isso, pensou-se acerca da necessidade de articular-se uma forma de organizar essa pintura, e além dessa experiência, pensar outras que envolvessem uma produção coletiva, com o intuito de preparar a turma para esse trabalho conjunto, que seria realizado no período final do curso.

Conversa com integrantes do grupo, Profa. Dália e coordenador William:

Foram apresentados as discussões e acordos realizados pelo grupo, descritos nos tópicos acima, como a necessidade de alguns materiais que já não tinham sido providenciados, que poderiam ser providenciados pela biblioteca, ou utilizar materiais presentes no Departamento de Artes Plásticas, pensando-se sempre na possibilidade de utilização dos materiais que já se possui. Também conversou-se acerca de no próximo encontro, acessar-se arquivos referentes ao histórico do prédio da biblioteca, o que pode ser importante para pensar as aulas, já que o curso possui um enfoque no espaço.

31/08/2022 Reunião na biblioteca

Separação de materiais:

Os coordenadores da biblioteca comentaram acerca de papéis guardados na secretaria que não estariam sendo utilizados e que poderiam ser utilizados no curso caso o grupo quisesse. Assim, selecionou-se alguns papéis de grande formato (aproximadamente A2) com gramatura elevada, papéis kraft e recortes coloridos de livros.

Também foi proposto o uso de divisórias de madeira de um armário que estava sendo desmontado, aos quais pensou-se no uso para pintura ou como prancheta.

Consulta material sobre história da biblioteca:

Consultou-se material fornecido pela biblioteca com uma pesquisa acerca da história do bairro e da Biblioteca Anne Frank. Atentou-se a detalhes quanto sua fundação na década de 1940, em que o bairro era habitado principalmente por operários e a região ainda era bastante arborizada; ao uso do espaço, em que se verificou que já existiu um espaço voltado para produção artística, verificado por texto e planta original do prédio.

Planejamentos iniciais:

Continuou-se com os planejamentos, definindo-se uma primeira ideia de sequência e possíveis temáticas para as aulas, buscando articular diferentes abordagens do espaço na pintura, aspectos da história do prédio, e a vontade de realizar um pintura coletiva em um dos espaços da biblioteca, atividade em que reconheceu-se a necessidade de uma organização desde o início do curso, como

introduzir a ideia ao início desse, propor atividades que já exercitem o trabalho coletivo, e organizar a quantidade de pessoas trabalhando na pintura ao mesmo tempo.

Primeiras ideias de sequência de aula:

- 1) Apresentação a partir de uma produção realizada durante a aula, com a proposição de representação do espaço pessoal de participantes. Nessa, pensou-se sobre trazer a discussão sobre o que se entende como espaço, assim como os possíveis espaços da pintura;
- 2) Aula sobre fabricação de tintas com pigmentos naturais, em que se traria conceitos sobre mistura de cores e fabricação de tinta, como cola branca e pigmentos, como realização no semestre anterior, mas acrescentando-se a possibilidade de fabricação dos próprios pigmentos, com elementos naturais, presentes no espaço da biblioteca ou trazidos por participantes, o que seria solicitado na aula anterior;
- 3) Discussão do espaço da pintura, o espaço pictórico, como um jogo, com regras, forças, cujos elementos organizam-se em uma composição. Também trazer a representação do espaço tridimensional de modo diverso à perspectiva clássica, como no cubismo;
- 4) Em aberto. Ideia de usar papéis em grande formato ou tecido para um proposta de desenhos gestuais com um uso mais enfatizado do corpo e seu movimento, além da articulação da mão e pulso, mas a escala do braço, do tronco, do andar;
- 5) Desenvolvimento do projeto da pintura da parede. Proposta de conversa com o grupo para escolha do que seria feito na pintura (temática, divisão de processo entre o grupo, como unificar, vontades);
- 6 e 7) Pintura da parede em conjunto à proposta de aula a se definir. Devido

ao número de vagas do curso, dividir a turma em grupos de trabalho, em que um dia parte estaria se dedicando à pintura da parede, enquanto outra participaria da aula;

8) Discussão sobre resultados e montagem de exposição com trabalhos desenvolvidos ao longo do curso;

14/09/2022 Reunião na Biblioteca

Verificação de inscrições e divulgação do curso:

Em conversa com coordenadores da biblioteca, verificou-se o andamento das inscrições para o curso, de modo a ter uma prévia do perfil de inscritos, dentre pessoas que participaram do curso anterior e novo.

Nesse dia já haviam 19 inscritos, então para incentivar mais inscrições para a vaga restante e para a fila de espera, o coordenador William perguntou se o grupo teria alguma ideia de divulgação nas redes sociais. Assim, organizamos alguns dos trabalhos realizados no curso “LiteraPintura”, que não haviam sido retirados, em algumas estantes da biblioteca, próximos a um dos móveis realizados no semestre anterior, feitos de CDs pintados pelos participantes. Foi realizado um vídeo, mostrando as obras no espaço da biblioteca, que foi postado no Instagram da biblioteca, convidando à inscrição.

Conversa com bolsista PUB:

Apresentou-se o espaço da biblioteca, com ênfase aos espaços utilizados durante o curso, à bolsista da PUB Anna, que ainda não conhecia o espaço, e que ficou responsável pela organização do armário de materiais e registro fotográfico do curso. Anna nos mostrou como setorizou os materiais, entre papéis, tintas,

pincéis e outros materiais, e separou alguns pincéis que precisavam de cuidados, que levou para recuperar em casa.

Definições finais para primeira aula:

Consultou-se o plano de aula, já definido, para confirmar as sequências das propostas, a organização do espaço e a separação dos materiais. Definiu-se que a organização das mesas em dois grupos, como uma mesa destinada aos materiais e, como a aula proporia uma primeira discussão acerca do espaço, propondo a apresentação de cada um com representação do que entende como seu espaço pessoal por uma pintura, pensou-se em disponibilizar papéis em grande formato ou em rolos, para que cada um escolhesse o tamanho da superfície em que trabalharia, assim como materiais como pincéis, lápis, godes, giz pastel, e tinta que não necessitam de processos de preparo, como a tinta guache, porém, ainda deixou-se disponível cola branca e pigmentos, caso alguém que tenha realizado o curso anterior e conheça o preparo da tinta cola, pudesse realizar.

21/09/2022 1º Encontro: Apresentação

A primeira aula foi pensada com o objetivo de conhecer a turma, já incorporando discussões próprias do curso, “Espaços da Pintura”.

Plano de aula:

14h30 - 16h.

Proposição prática: Cada um deve criar um trabalho para se apresentar para o grupo. Esse trabalho será guiado pela ideia do espaço pessoal. A intenção é

são de livre escolha e serão disponibilizados na mesa.

Perguntas a discussão inicial e embasamento da proposta: O que é espaço para vocês? A partir disso, o que é um espaço pessoal para vocês?

16h00 - 17h.

Roda de apresentações com os trabalhos seguidos de comentários. Apresentação do funcionamento do curso e de seus propositores.

Comentar sobre o desejo de realizar um projeto final coletivo: o mural da sala de estudos.

Lição de casa: trazer itens naturais de casa que acham que podem se transformar em alguma tinta.

Registro do encontro:

Iniciou-se com cada regente apresentando-se brevemente, comentando sobre ser um curso de pintura e sua duração de oito semanas, e partiu-se para a proposta prática. Optou-se por propor que cada um se apresentasse a partir de uma pintura que expressasse sua concepção de seu espaço pessoal, e iniciou-se a discussão com um questionamento sobre o que entendem por espaço e por espaço pessoal. Nessa conversa inicial, e nos comentários sobre os trabalhos, comentou-se sobre a pluralidade de entendimentos acerca do espaço, assim como espaço pessoal, desde como um espaço físico, como abstrato, sensorial e pictórico.

Para a proposta prática, os participantes se distribuíram em dois grupos de mesas que foram unidas, forradas com jornais, e realizou-se a distribuição dos materiais, concentrados em uma outra mesa. Cada um escolheu um dos papéis

disponíveis, assim como o tamanho que gostaria de trabalhar, aos quais o grupo auxiliou a recortar, que variaram entre tamanhos aproximados de folhas A4 a A2. Disponibilizou-se godês em formas de gelo, em que se colocou cerca de meia colher de sobremesa de tinta guache em cada compartimento, conforme a escolha de cada inscrito, mas de modo geral, a maioria quis trabalhar com as cinco cores disponíveis: azul, amarelo, vermelho, branco e preto. Deixou-se os pincéis em uma vasilha para cada um escolher, e distribui-se copos com água e papel para limpeza desses.

Percebendo-se a finalização dos trabalhos dentro do prazo previsto no planejamento, seguiu-se para a apresentação dos participantes. Para tal, desocupou-se uma das mesas, retirando-se os jornais para menor interferência visual, e dispôs-se os trabalhos nessa. Propôs-se que a apresentação se iniciasse na ordem que preferirem, e optou-se por cada um seguir conforme se voluntariar, iniciando pelos integrantes do grupo de regentes. A seguir estão algumas anotações do que cada um dos presentes² compartilhou nessa conversa:

JOÃO

Formado administração. Veio por sugestão de sua terapeuta, por gostar de arte. Gostaria de trabalhar com arte. Diz ter feito a pintura sem pensar em nada específico com antecedência. Realizou uma paisagem referente à suas memórias da infância, em lugar no campo no outono.

SANDRA

Recém aposentada. Diz que gosta muito de aprender, tendo interesses em diversas áreas. Pintou uma janela, em um papel que poderia dobrar, como o abrir e fechar dessa janela. Expressou pensar essa janela como uma representação de possibilidades e da apreciação a partir de momentos.

²Os nomes dos participantes foram alterados para preservar sua identidade.

VALÉRIA

Frequentadora da biblioteca, participa de outras atividades oferecidas no espaço, como o Grupo Alto Astral e Prática de Liang Gong. Diz gostar muito de cores e coisas coloridas. Diz ter pintado o que teve vontade e que acabou representando uma escada como a da casa de sua vó, que frequentava na infância, o que percebeu após a terminar a pintura.

CAMILA

Estudante de psicologia, 17 anos. Frequentou curso anterior. Representou um espaço de reflexão em uma pintura totalmente abstrata com variações de cor. Expressou se tratar de um oceano de pensamentos.

ANA LUZ

Pernambucana, 85 anos. Já residiu no Rio de Janeiro e chegou a frequentar a biblioteca na década de 1950. Trabalhou como doméstica e com costura. Pintou um espaço de campo, com um sol ao amanhecer, que relacionou à memórias de sua infância.

ANTÔNIO CARLOS

Frequentador da biblioteca desde a infância. Artista, artesão e marceneiro, com atuação mais recente, realizando cursos livres de arte, inclusive na USP. Traz algumas informações sobre a história da biblioteca, como a primeira biblioteca infantil da cidade de São Paulo. Expressa a importância da relação do espaço com a arte. Traz em sua pintura o que chamou de espaço mínimo, em uma sala em perspectiva com uma cadeira, que representa sua prática em marcenaria, uma janela em branco, que seria algo em aberto e uma pintura na parede, em referência à arte.

IRACEMA

Ministra as práticas de Liang Gong, com experiência e conhecimentos acerca de artes corporais e medicinais chinesas. Fez a pintura de um coração, pois diz acreditar que o espaço pessoal mora no coração, de onde parte a arte, dentre outras coisas. Relaciona a pintura a sua relação com saberes da medicina chinesa, em que o coração é colocado como um imperador, a vida.

ANITA

Cuidadora da Dona Cláisse, veio apesar acompanhá-la, mas acabou se interessando em participar da oficina. Pintou uma lâmpada como uma representação da claridade de pensamentos. Explicou a significação que atribui a cada uma das cores da pintura, o que relacionou com seus conhecimentos de cromoterapia.

MARIA CLARA

Participou do curso anterior. É formada em administração, com especialização em recursos humanos, e hoje é corretora. Diz ter pintado sua casa, que especificou pintando o número de sua casa na representada. Traz elementos estereotipados nessas representações, no padrão da casa com chaminé em um campo gramado.

FELIPE

Participou do curso anterior, em que teve seus primeiros contatos com a pintura. Tinha dificuldade de realizar as atividades propostas no começo, mas já apresentava bastante autonomia ao final. No início da dinâmica disse não ter entendido muito bem a proposta, mas com uma explicação, reconheceu que gostaria de representar seus espaço pessoal a partir de cores. Explicou que pintou cores que ele gosta.

ELIANA

Mineira, frequentadora da biblioteca. Diz que teve um pouco de dificuldade começar, por ser indecisa. Diz que desejou pintar um jardim, em que foi acrescentando elementos durante o processo, conforme foi sentindo necessidade. Representou elementos que gosta, como um cachoeira, flores de cores que gosta, nuvens, pássaros (em uma representação que fazia quando criança), uma árvore com galhos detalhado, que ensina para as filhas, e um arco-íris que quis acrescentar ao final por achar que havia muito espaço em branco na pintura. Diz acreditar que a natureza é um espaço para todos.

CLARISSE

Realiza arte em seu cotidiano e foi pedagoga. Fez uma pintura com variações de cores, que trabalhou com mistura sob o próprio papel com tinta ainda fresca, como um espaço interno, de suas percepções. Diz acreditar que nada na vida é uma cor só. E a que as cores são espaços da vida, que possui tons escuros, claros, e todos tem sua importância. Ao final da pintura, diz ter lembrado da importância de seus filhos em sua vida, em que a maioria mora longe dela, e os representou por pontos de tinta, cujo filho que reside com ela, foi representado em tom mais forte.

IARA

Vestibulanda, 19 anos. Diz ser indecisa, gostar de muitas coisas e que considera tudo como um espaço pessoal. Pintou o espaço de sua estante, com objetos que ela gosta, como livros, fotos, desenhos, que foram representados em formas simples de cores diferentes. Diz gostar muito de cores.

LAURA

Diz ter iniciado sua pintura com a representação de folhas vermelhas, mas que depois começou a relacionar a forma com gotas de orvalho ao sol, com o uso de cores complementares, como o azul. Quiz representar um sentimento de chuva, do presente. Traz o processo de ressignificação e de pluralidade em sua pintura.

EVA

Frequentou curso anterior, em que demonstrava certa insegurança para realizar as propostas, mas sempre realizava pintura com grandes exploração de cores e uso da textura do pincel. Diz ter apresentado sua casa a partir de vibrações representadas pelas cores.

Finalizou-se com uma explicação mais detalhada acerca do curso, de fazer parte do estágio da formação de uma disciplina de licenciatura do curso de Artes Visuais da USP, em que se trataria a pintura em relação ao espaço da biblioteca e possíveis concepções do espaço. Informou-se acerca da liberação da biblioteca de uma das paredes da sala de estudos para a realização de um mural com os participantes do curso, que seria realizado mais ao final do curso, mas para que cada um já fosse pensando em propostas para tal. Por fim, informou-se sobre a próxima aula seria sobre cores, misturas e preparo de tintas, em que além dos pigmentos disponíveis, trabalhou-se o uso de pigmentos naturais, em que foram mostrados alguns exemplos, como beterraba, cúrcuma, chá mate e feijão, e pediu-se que quem pudesse ou tivesse interesse, trouxesse algo que achasse que poderia ser utilizado como pigmento.

De modo geral, a turma reagiu de forma bem animada em relação à proposta do curso e alguns já expressaram acharem muito importante a construção de espaços de prática de arte na biblioteca. Nessa nova turma, mais numerosa

que a do curso anterior, também percebeu-se uma maior variedade de público, com um maior número de homens, pessoas mais idosas, frequentadores mais antigos da biblioteca, mais pessoas que fazem tratamento na UBS, assim como jovens. Algumas das pessoas presentes nesse primeiro dia, e que não estavam inicialmente matriculadas, acompanhantes de inscritas idosas e a mãe de umas das inscritas, ao observarem e participarem da proposta, decidiram se inscrever e participar do curso.

A maioria dos participantes se apresentou com bastante autonomia na realização dessa primeira proposta, as maiores dúvidas foram relativas a misturas de cores, assim como o conceito de espaço pessoal. Quanto à questão das cores, ofereceu-se algumas opções para experimentação de cada um, como falar que cores misturar para uma base, mas que acréscimos poderiam ser feitos para variações. Em relação a proposta, buscou-se traçar diálogos sobre o entendimento dos participantes sobre o tema que tinham dúvidas ou chegaram após a explicação inicial, mostrando exemplos, como que o espaço pode se referir a algo físico ou abstrato, e enfatizando que não havia uma resposta certa ou errada. Apenas dois participantes demonstraram maior dificuldade: Felipe, que demorou para iniciar a prática, e percebendo isso, foi novamente explicada a proposta, perguntando o que ele relacionaria ao espaço dele, como algo que ele goste e, com sua conclusão de que ele gosta de cores, já seguiu para seu trabalho de forma autônoma, como já se havia percebido no curso anterior; e Amanda, que chegou junto a mãe, que não participou da oficina, por compartilhar que Amanda tinha certa dificuldade na interação e que gostaria que ela desenvolvesse maior autonomia, foi necessário que uma das integrantes do grupo acompanhasse seu processo, também fazendo um trabalho ao seu lado e buscando conhecê-la, em que se soube que ela nunca havia pintado, e ela realizou dois trabalhos em grandes formato, em que experimentou diversas cores e formas em relação ao grande espaço das folhas brancas que utilizou, assim como algumas misturas de cores..



Figura 12: Trabalhos realizados durante a proposta de aula de apresentação. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 13: Inscritos realizando proposta de aula de apresentação. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 15: Inscritos realizando proposta de aula de apresentação. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 14: Inscritos realizando proposta de aula de apresentação. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 16: Inscritos realizando proposta de aula de apresentação. Fonte: Anna Aguiar (2022).

28/09/2023 2º Encontro: Cores e Pigmentos naturais

O propósito da segunda aula foi trazer uma base de mistura de cores e da produção de tintas para os participantes do curso. Partindo-se do fato que o público da oficina possui diferentes repertórios com a pintura e que o curso se apresenta como sem pré-requisito, pensou-se em possibilitar que todos tivessem um lugar comum de onde partir ao trabalhar cores e tintas.

Além do que já havia sido realizado no semestre anterior, apresentando a demonstração de tinta com cola branca e pigmento, pensou-se em abordar o uso de pigmentos naturais, como forma de trazer mais um ponto de discussão sobre o uso de elementos disponíveis no espaço na pintura.

Plano de aula:

14h30 - 15h.

Ensino da preparação da tinta cola: Explicação básica sobre os componentes da tinta a fim de que os participantes percebam que é possível criar suas próprias tintas. Experiências com tintas naturais. Criação de paletas de cor, demonstração de diferentes modos de extração, misturas com aglutinantes naturais e sintéticos.

Exposição teórica: As primeiras tintas foram criadas pelos povos da pré-história. Eles usavam sangue, argila, terra, plantas, pedras e ossos moídos para pintar o corpo e as paredes das cavernas. Logo eles perceberam que era necessário um elemento “ligante” para fixar a pintura no local onde era feita e torná-la mais durável. Com gordura de animais e seiva de plantas, esse problema foi resolvido. Assim, a tinta é composta de aglutinante (óleo, ovo, cola) somada ao

pigmento. Tintas em tubinhos e lojas de tinta são muito recentes, antes o artista moía o pigmento e fazia suas próprias tintas. Azul ultramarino é um dos pigmentos mais importantes, tem origem no lápis-lazúli, uma pedra semipreciosa, que durante muitos séculos provinha quase exclusivamente de uma certa região do atual Afeganistão - daí o seu nome, ultramarino, porque vinha do outro lado do mar. Muitos dos pigmentos naturais podem ser obtidos apenas por simples Trituração dos respectivos minerais, mas isso não sucede com o azul ultramarino. O processo de separação é muito mais complexo do que o empregue no caso dos outros pigmentos e só foi descoberto cerca de 1200. Por conta disso e por sua cor apreciada, o azul ultramarino tem, na Idade Média, status de material precioso tanto pelo valor monetário, quanto simbólico.

Demonstração prática: Mostrar como pegar a quantidade certa de materiais e fazer a mistura. Explicar que das cores primárias (magenta, ciano, amarelo) é possível fazer as outras cores.

15h - 16h.

Proposição prática: Experimentar com os pigmentos naturais, aplicando a trabalhos individuais

16h - 16h30.

Realizar composição com os aprendizados da aula.

16h30 - 17h.

Conversa sobre os trabalhos.

Registro do encontro:

Nesse dia, faltaram alguns estudantes da aula, assim como três inscritas, uma nova, e duas que não estiveram presentes na semana anterior, vieram pela primeira vez. A essas, foi realizada uma breve apresentação do que foi realizado na aula anterior, a abordagem do curso e o que seria realizado nessa segunda aula. O espaço foi dividido novamente em dois grupos de mesas, acomodando metade da turma em cada um desses, e uma mesa foi separada para dispor os materiais.

Iniciou-se a discussão com informações acerca dos elementos que compõem as tintas encontradas em lojas, essencialmente compostas de pigmentos e aglutinantes, além de conservantes, e como isso se apresentou historicamente, com exemplos de pinturas rupestres até a atualidade. Comentou-se acerca de tipos de pigmentos (naturais e sintéticos), assim como aglutinantes (óleo, goma, ovo, cola), e demonstrou-se uma preparação da tinta, no caso, a mistura de cola branca e pigmento (pó xadrez), com o objetivo de trazer uma possibilidade barata e acessível de tinta, assim como uma proposta de autonomia no uso de materiais. A partir da preparação das tintas, seguiu-se para um demonstração de misturas básicas de cores, como primárias e secundárias, assim como variações de tonalidades, como escurecimento, clareamento e uso de transparências.

Seguiu-se para a demonstração de alguns dos pigmentos naturais, em que apresentou-se algumas opções de materiais para a obtenção de certas cores, como a cúrcuma para amarelo; couve e espinafre para verde; repolho roxo para azul, rosa e um tom de verde; feijão preto para roxo; beterraba para um rosa arroxeado; cenoura para laranja etc. Fez-se experimentações desde o uso do pigmento puro friccionado ao papel, como com o uso de folhas verdes, carvão e hematite (pedra composta de óxido de ferro de cor alaranjada, utilizada por po-

vos indígenas), como submetidos à processos de manipulação, como cozimento, moedura, infusão, que foram testados em suas misturas com água ou cola.

Por se tratar de uma aula com uma grande parte demonstrativa, para facilitar a visualização de toda a turma, realizou-se as demonstrações nas duas mesas ao mesmo tempo, alternando materiais conforme necessário. Em cada demonstração, os materiais eram distribuídos, e cada participante podia manipulá-lo e testar em uma folha, conforme desejasse. A maior parte das tintas ou pigmentos experimentados foram preparados e trazidos por integrantes do grupo, apenas um participante do curso trouxe materiais para testar como pigmentos, dentre esses, argila, materiais de origem mineral e colas de marcenaria, aos quais também foram compartilhados com o restante da turma.

Ao longo das experimentações, alguns detalhes acerca dos uso de pigmentos naturais foram conversados com turma, como as diferenças entre aglutinantes que possam ser utilizados com diferentes materiais, assim como a conservação, em que pontuou-se que, como nem todos os testes possuem conservantes adequados, pois foram experimentos, a cor poderia alterar-se ao longo do tempo.

No planejamento da aula, pensou-se em antes de partir para a experimentação dos pigmentos naturais, percorrer-se o espaço externo da biblioteca pensando em instigar a coleta de materiais desses espaços, como folhas, terra e flores, para os experimentos com as tintas. Porém, como o dia estava chuvoso, optou-se por permanecer no espaço interno com os materiais que já haviam sido separados. Ainda assim, o período de experimentação acabou estendendo-se para além do planejado, ocupando cerca de 1h20 da aula, o que foi percebido pelo grupo como necessário e proveitoso, e reorganizou-se os tempos das atividades seguintes.

Nessa mudança do planejamento, inicialmente, as demonstrações ocupavam um espaço menor, e estavam direcionadas para a realização de uma atividade

prática livre de mistura de cores. Porém, conforme os participantes foram experimentando, fazendo perguntas e conversando sobre os processos, entendeu-se esse momento como muito construtivo ao que queria-se realizar naquela aula, e optou-se por aumentá-lo conforme percebemos um ritmo de interesse da turma. Assim que os exemplos foram sendo esgotados e alguns estavam deixando de experimentar as tintas, fez-se a proposta prática, mais como um fechamento do processo anterior, com um tempo de execução de cerca de 20 minutos, em que estavam todo livres para misturar as tintas e usar pigmentos de diferentes origens para apresentar uma composição livre com misturas de cores, dessa vez em folhas A4, com uma gramatura média, que tínhamos disponível.

Seguiu-se para um conversa com a exposição das produções em uma das mesas, em que se propôs a quem se sentir à vontade, compartilhar algo sobre o seu processo. Nesse momento foi interessante perceber que alguns exporão suas folhas teste, o que trouxe uma ênfase quanto a importância do processo de experimentação além de um resultado final, assim como na concepção de um trabalho. Inclusive, nessa conversa, um dos relatos de um dos participantes foi a que o trabalho que realizou foi impulsionado por algo que ocorreu em sua folha de testes, em que um teste de pigmento em pó entrou em contato com um de uma tinta com cola, e ele optou por experimentar usar pigmento em pó em cima de uma base molhada.

A turma pareceu, de modo geral, ter gostado bastante da aula, que inclusive acabou estendendo-se em pouco mais de 10 minutos. Tivemos comentários de pessoas animadas por aprender a como misturas cores, como pessoas que vieram particularmente falar sobre seu processo, como o caso de uma participante que mostrou seus trabalhos, em que experimentou diferentes tonalidades de algumas cores com adição de branco ou preto, mas que gostaria de ter chegado a um resultado que outro participante chegou, mas com o uso de transparência, com a dissolução de um mesmo tom em diferentes aglutinantes. Desse modo,

quando perguntamos sobre o processo, as conversas mostraram-se importantes para o aprendizado conjunto, em que participantes podem ter contato com o processo de outros e incorporar percepções que possam ter em suas experiências.



Figura 17: Trabalhos expostos para conversa sobre experimentações propostas no encontro. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 18: Demonstração de mistura de cores primárias. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 20: Inscritos experimentando pigmentos. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 19: Cores obtidas a partir de soluções de repolho roxo. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 21: Inscritos experimentando pigmentos. Fonte: Anna Aguiar (2022).

05/10/2022 3º Encontro: Composição, pontos de vista e espaço pictórico moderno

Na terceira aula, abordou-se as temáticas de composição e modos de perspectiva, de forma a propor discutir aspectos do espaço pictórico na pintura.

Plano de aula:

14h30 - 15h.

Proposta prática inicial após breve contextualização:

O que é uma composição? A composição implica o arranjo dos elementos no espaço, uma transformação do espaço através de seus elementos. Uma composição exibe uma relação de forças, é atravessada por vetores mais ou menos evidentes que sugerem, indicam e até determinam percursos para o olhar. (10 min)

Em trios ou em grupos de quatro pessoas, criar uma composição coletiva onde os elementos utilizados tenham uma função, um significado ou uma regra de emprego que seja convencionada pelo grupo. Essa codificação será um fator a ser respeitado na execução da proposta (por exemplo: digamos que um quadrado preto exija uma área em branco de igual tamanho ao seu lado, que um triângulo exija um círculo de cor vermelha lhe fazendo intersecção, que um losango deva ficar isolado ou qualquer outra regra criada pelo grupo). Criar assim, uma composição utilizando as formas geométricas elementares. (20 min)

15h - 15h45.

Pequena mostra de imagens, cena de filme, análise de uma pintura cubista

(usar computador da sala).

Questões a serem desenvolvidas:

O olhar perspectivo é balizado por coordenadas da projeção de um espaço tridimensional em um plano bidimensional, é um espaço determinado por pontos de fuga e pela visão monocular. O espaço pictórico moderno rompe com o sistema de coordenadas da perspectiva, questionando sua “transparência”, isto é, sua impressão de realidade. A perspectiva inversa compunha um espaço que nos parece estranho devido à nossa educação visual majoritariamente eurocêntrica .

Paul Cézanne partia de formas geométricas elementares para figurar a natureza. O espaço pictórico cubista instaura a simultaneidade de diferentes pontos de vista sobre as figuras, mostrando-as, por exemplo, ao mesmo tempo de frente e de lado, por meio de quebras nas linhas de contorno das figuras, no uso da luz e da sombra, que fragmentam os corpos e os espaços. Assim, a pintura cubista questiona o próprio olhar de quem a observa, pois o espaço não mais se articula para um ponto de vista único, mas para uma multiplicidade de pontos de vista. A pintura moderna aborda um espaço complexo, muitas vezes anti-perspectivo.

Uma vez que nossa percepção é frequentemente mediada, talvez seja interessante atentar para algumas mediações, filtros e aparatos que criam certas condições da percepção visual {ex.: câmara escura, projeção sobre a superfície de um plano, cone de luz; lentes (vidro de janela, olho mágico, câmeras, binóculos, etc), molduras, enquadramento (limitadores da visão como paredes, prédios, montanhas, etc); o ar (perspectiva aérea, grau de transparência) e a luz (limiar de visibilidade, sombreamento, tonalidade da luz), etc.

15h45 - 16h30.

A partir da escuta da música “Trem das Cores” e da análise de seu poema, criar uma composição livre que estabeleça relações espaciais diversas entre cores, imagens e objetos. Vê-se de longe, ou de perto? O espaço é contínuo, ou é fragmentado? Vê-se através de algo?

16h30 - 17h.

Conversa sobre os trabalhos.

Registro do encontro:

Nessa aula, a maioria dos inscritos estavam presentes, com apenas uma nova inscrita, a qual foi brevemente explicado a proposta do curso e o que havia sido realizado nas primeiras aulas, individualmente. Por estar-se próximo à metade do curso, em acordo com o coordenador William, fechou-se a lista de participantes, em que já não seriam incluídos novos inscritos.

Como seriam realizadas atividades em grupo, organizou-se três mesas redondas separadas, de modo a abrigar até 4 inscritos, e manteve-se o outro grupo de mesas retangulares juntas, como nas aulas anteriores, em que dois grupos dispuseram-se, cada um concentrado a uma extremidade. Foi distribuída um pedaço de folha sulfite de dimensões próximas a uma A0 para cada grupo, tinta guache nas cores básicas (azul, amarelo, vermelho, preto e branco) distribuídas nos godês, pincéis de tamanhos variados, assim como lápis e borracha.

Ao início da primeira proposta, a turma pareceu um pouco insegura, de modo que iniciaram a parte prática próximo ao horário em que havia sido planejado finalizar-se a proposta, alguns expressaram certa dificuldade em trabalhar em

grupos, mas logo os grupos pareceram se integrar e seguir para a experimentação, de forma que no momento de comentário dos trabalhos, todos viram a experiência de produzir algo em grupo como algo positivo.

Ao longo da realização desse primeiro exercício, percebeu-se a necessidade dos grupos de um maior tempo de execução, e procurou-se reorganizar o planejamento, reduzindo tempos separados à exposição e conversas, de modo a priorizar o momento da experimentação, a qual coloca-se como prioridade ao longo do curso, ao final, até a exposição de trabalhos, esse primeiro momento da aula estendeu-se aproximadamente até às 16 h. Esses momentos de extensão, de reorganização dos tempos, são importantes para entender que não é possível ter precisão do tempo necessário para a realização de uma proposta por uma turma, ainda mais em um grupo tão heterogêneo como tem-se no curso, em que a questão sobre que pessoas que têm repertórios diferentes possam ter necessidade de períodos maiores que os previstos pelo grupo, para processar informações novas, transpor inseguranças, e que é preciso atentar-se a esses tempos.

A proposta de o grupo entrar em acordo a uma produção conjunta foi algo que se considerou importante para que os participantes exercitem o trabalho coletivo, de modo a ser um preparo para a pintura da parede ao final do curso, que será um grande trabalho conjunto e que necessitará de processos de acordo, negociação, consideração do trabalho do outro, o que não desejou-se trabalhar apenas nessa proposta final. A proposição em grupo, considerando-se os resultados, ainda pareceu importante para que alguns estudantes experimentassem produzir de modo diverso a seus processos individuais, de modo a incentivar o olhar para outras formas de tratar as proposições que são feitas, a partir do contato com o processo do outro.

Dentre os resultados dos grupos, foi interessante ver resultados como: o de um grupo de senhoras que parte de suas integrantes mostraram uma tendência

a fazerem pinturas com elementos pictóricos mais estereotipados nas aulas anteriores, como certos modelos de casas, árvores e flores, fizeram uma composição apenas com formas geométricas, mais ou menos regulares, e com cores básicas; e um grupo de jovens, em que Amanda participou, em que apesar de comunicar-se pouco oralmente, em conjunto com as outras participantes, conseguiu participar dos acordos do grupos e da execução que foi distribuída entre todas. A mãe de Amanda, começou a participar do curso na segunda aula, a qual realizou as experimentações ao lado da filha, mas nessa aula as duas ficaram em grupos separados, o que foi importante para integrá-la a outras pessoas do curso.

Na segunda proposta, manteve-se os mesmos grupos, assim como os materiais distribuídos, como a disposição de realizarem tinta-cola conforme preferirem e, em função da redução do tempo de execução, ofereceu-se uma folha com metade da dimensão da oferecida na primeira atividade. Os grupos pareceram mais confortáveis em trabalhar em grupo, e os resultados começaram a aparecer mais rapidamente que na primeira proposta. Dentre alguns dos resultados, foi interessante observar algumas soluções: como a representação do tempo, em um grupo que representou dia e noite em um mesmo momento, com a transição da cor do céu pintado; o uso de elementos do ambiente, em um grupo que colou galhos e sementes coletados do jardim da biblioteca, para representar elementos naturais; e um grupo que preencheu toda a folha usando formas, como paralelogramas, inclinados, em diferentes ângulos e direções, lembrando paredes e portas, como diferentes pontos de vista apresentados ao mesmo tempo.

Ao final, optou-se por não realizar uma conversa sobre os trabalhos, pois já havia se esgotado o tempo da aula, novamente por priorizar-se o momento da prática e da experiência, e enquanto iniciou-se a limpeza e organização dos materiais, deixou-se livre aos grupos que quisessem e pudessem, continuar a finalização dos trabalhos, deixando-se em aberto a continuação em outro momento do curso.



Figura 22: Pintura realizada durante a primeira proposta. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 23: Inscritos realizando pintura durante a primeira proposta. Fonte: Anna Aguiar (2022).

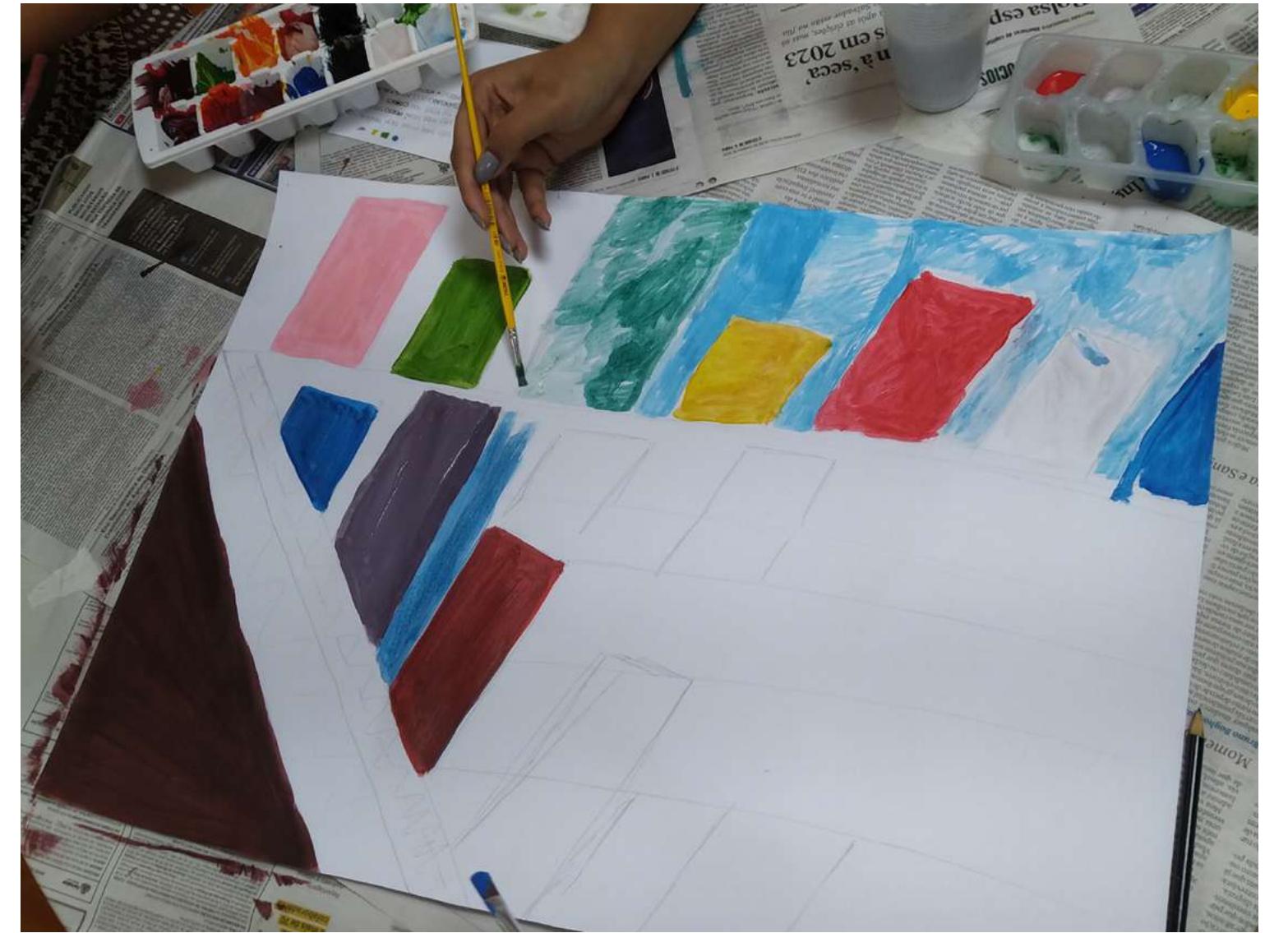


Figura 25: Inscritos realizando pintura durante a segunda proposta. Fonte: Anna Aguiar (2022).

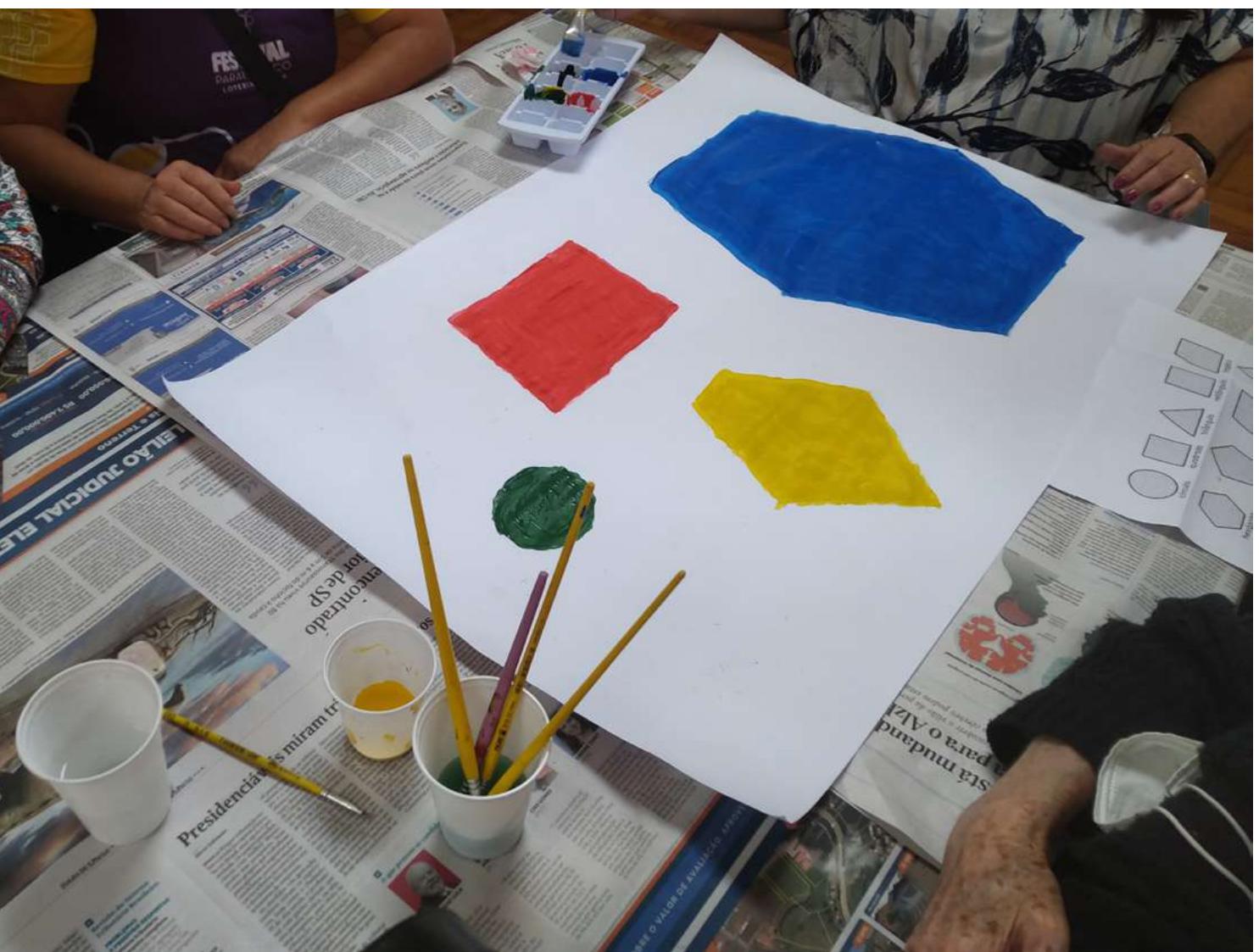


Figura 24: Inscritos realizando pintura durante a primeira proposta. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 26: Inscritos realizando pintura durante a segunda proposta. Fonte: Anna Aguiar (2022).

19/10/2022 4º Encontro: Espaço do corpo na pintura

Seguindo a proposta temática do curso, após a abordagem do espaço pessoal, espaço da cor, espaço pictórico e perspectivo, tratou -se, na quarta aula, do espaço do corpo na pintura.

A intenção dessa aula foi de instigar aos inscritos a reflexão de possibilidade de relação entre o suporte explorado na pintura e próprio corpo, trazendo exemplos diferentes da postura mais comum observada na prática do curso: de pintar sentado, em um folha de tamanho padronizado, com pincéis e movimento predominante do pulso. Dessa forma, pensou-se em propor a investigação de outras posturas do corpo, uso do movimento do braço, do tronco, ferramentas de pintura além do pincel, como spray, corpo, espátulas, esponjas, e depósito da tinta sem o contato direto com suporte, como espirrar e jogar tinta, e uso de escadas e disposições do suporte diversos, como folhas grandes dispostas no chão, parede etc.

A discussão do corpo na pintura foi considerada uma questão importante por ser um lugar relevante para discutir a singularidade de cada um, em que seus corpos, com diferentes formatos, mobilidades, conhecimentos e memórias, traz uma especificidade à produção de cada um, além de pensar as potencialidade dos processos em relação às intencionalidades na pintura, no como a escala, movimento e materiais contribuem a algo que se deseja expressar, assim como ainda ser uma experiência que antecipe algumas questões relativas à realização do mural ao final do curso, por ser um escala maior, em um disposição vertical, que necessita de uma postura de maior uso do corpo.

Plano de aula:

14h30 - 14h50.

Breve contextualização :

Quais movimentos geralmente fazemos ao pintar? Apontar o modo em que geralmente nos dispomos: sentados, com a folha em uma superfície horizontal, utilizando pincéis. Há um predomínio do movimento do pulso e antebraço.

Comentar de outras possibilidades do movimento do nosso corpo: movimento do ombro, do tronco, traços maiores, usos variados de ferramentas (espirrar tinta, uso do corpo, esponja, tecidos, espátula, etc).

Atentar à diversidade dos corpos. Levar em conta os diferentes tamanhos, formatos, mobilidades, coordenações. Todos esses fatores tornam o trabalho artístico único, segundo o gesto individual de cada um.

Citar exemplos de artistas que trabalham de forma variada: como Pollock (espirrar a tinta sem tocar a tela), Frida Kahlo (que realizou parte de seus trabalhos deitada na cama, como mobilidade reduzida), murais e grafites de Pri Barbosa (grandes dimensões, uso de spray) + mão na parede da caverna (levar imagens impressas).

14h50 - 15h30.

Primeira proposição prática:

Dispor papel dos rolos em diferentes modos (mesa retangular, chão, parede)

Sugerir que os participantes escolham algum dos modos para trabalhar ou deixar livre para deslocar - os papéis seriam utilizados de forma conjunta, sem uma determinação de espaço de uso, como uma grande marca de gestos.

Preparar tintas mais aguadas, mas também deixar a disposição mais densas (ver nanquim, ou tinta cola mais fluida)

Propor algumas percepções de movimento (talvez não especificar partes do corpo, pois algumas pessoas podem não conseguir fazer, mas falar termos mais abertos como: movimento grande, ascendente, forte, delicado etc, ou associar à palavras, como: andar, pluma, pedra, áspero, força, calma etc. Marcar os gestos do dia a dia como o de lavar louça, mexer panela, tricotar, usar celular etc. Ou ainda sugerir outros modos de pintar como usando os dedos ou segurando o pincel com outra parte do corpo ou com uma pegada diferente da usual e explorar os gestos que essa nova posição permite.

Observação de resultados e breve conversa sobre percepções.

15h30 - 16h30.

Segunda proposição prática:

A partir do exercício de experimentar gestos, propor uma produção individual, em que cada um escolha algo (sentimento, movimento, coisa, conceito, etc), e utilize-se dos gestos para expressar aquilo que escolheu representar.

Deixar livre a escolha das dimensões do trabalhos, assim como materiais utilizados (de acordo com o que se tem disponível).

Observação de resultados e apresentação do processo, o que queria representar e como pensou o movimento.

16h30 - 17h.

Conversa sobre os trabalhos.

Registro do encontro:

Para a primeira atividade, organizou-se o espaço com a disposição de uma grande folha em um conjunto de mesas retangulares, e outras duas no chão e na parede do espaço externo da biblioteca, para serem utilizadas de forma coletiva. Preparou-se algumas cores de tinta cola em uma consistência mais líquida, de forma a contribuir para a marca da gestualidade de forma mais rápida, que foram distribuídas entre os espaços das folhas, também para uso coletivo, e se-parou-se os pincéis de maior dimensão disponíveis.

Apesar de pensar-se a exploração do espaço externo como mais propício a investigações mais distintas, manteve-se uma folha no espaço interno na mesa, devido ter-se entre o grupo de inscritos, duas senhoras com mobilidade reduzida, que necessitam manter-se a maior parte do tempo sentadas. Ainda em função disso, buscou-se enfatizar a diversidade dos corpos como uma característica humana, em que cada um teria um singularidade própria, em que a apresentação de Frida Kahlo, uma artista com deficiência, consideravelmente popular, que realizou parte de seus trabalhos deitada em um cama, seria um exemplo da possibilidade de trabalho realizado por alguém com mobilidade reduzida.

Após a conversa inicial, estava inicialmente planejado a proposição de algumas palavras a serem representadas a partir do movimento na pintura, mas imediatamente o grupo se dispôs entre os papéis e começou a explorar tais espaços, assim, em um primeiro momento, deixou-se livre para a investigação autônoma, sem direcionamentos específicos, em que algumas pessoas sentiram necessidade de preparar mais tintas, aos quais auxiliou-se, e conforme as folhas foram sendo preenchidos, disponibilizou-se mais.

Percebendo-se uma diminuição do ritmo inicial de experimentação, propôs-se a expressão de algumas palavras com a pintura, como: ascendente, suave,

forte, andar e lavar louça, e em uma média do tempo estipulado e conforme os participante foram diminuindo suas investigações, seguiu-se para uma breve conversa. Foi destacado entre os inscritos, a diferença entre as pinturas realizadas nos espaços interno e externo, em que foi apontado uma maior diversidade nos resultados das folhas externas, e buscou-se discutir essa questão como uma propriedade das potencialidade de resultados entre as diferentes disposições, em que não há um valor de melhor ou pior entre essas, mas que cada uma é mais propícia a diferentes movimentos, o que se expressa nos resultados. De modo geral, entre o grupo que explorou o espaço externo, relatou-se um maior sentimento de liberdade ao pintar.

Seguiu-se para a segunda proposta, em que deixou-se livre a escolha das dimensões do papel a ser utilizado, das cores e do espaço de realização. Os inscritos se distribuíram no espaço, entre as mesas, chão e parede, porém não trabalharam em folhas tão grandes, com dimensões aproximadas entre uma folha A4 à A2. Percebeu-se investigações diversas, que partiram da atividade anterior, algumas pessoas trabalharam jogar a tinta, apropriar-se de elementos do espaço, como flores e folhas, assim como alguns mantiveram-se em um prática mais tradicional, sentados no espaço interno. Vale um destaque para a inscrita Amanda, que pareceu mais à vontade nessa aula, comunicando-se mais conosco ao pedir ajuda com a preparação de cores para realizar as atividades, e escolher trabalhar com muitas cores entre as disponíveis.

Na discussão dos resultados, em que cada um explicou seu processo, buscou-se entender e discutir como cada postura contribuiu com o resultado, como uma participante que utilizou-se de traços rápidos e com pontos para representar um árvore em movimento, outra que usou linhas em diferentes direções e sem paralelismo para representar uma cerca se desmanchando, e outra que usou de formas onduladas e respingos para representar caminhos. De modo geral, buscou-se concluir a discussão sobre o quanto a relação entre o corpo e

e a materialidade da pintura possibilitam diversos resultados e que se pode utilizar isso na intenção que se tem para com uma produção e incentivou-se que ele levem em consideração isso para trabalhos futuros, em que estão livres para trabalhar conforme acharem necessário ao que querem realizar.



Figura 27: Conversa e observação de trabalhos realizados no encontro. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 28: Inscritos realizando experimentações durante a primeira proposta. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 30: Inscritos realizando experimentações durante a primeira proposta. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 29: Inscritos realizando experimentações durante a primeira proposta. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 31: Inscritos realizando experimentações durante a primeira proposta. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 32: Inscritos realizando pinturas individuais durante a segunda proposta. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 34: Inscritos realizando pinturas individuais durante a segunda proposta. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 36: Inscritos realizando pinturas individuais durante a segunda proposta. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 33: Inscritos realizando pinturas individuais durante a segunda proposta. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 35: Inscritos realizando pinturas individuais durante a segunda proposta. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 37: Inscritos realizando pinturas individuais durante a segunda proposta. Fonte: Anna Aguiar (2022).

26/10/2022 5º Encontro: Projeto Mural - Memória: passado e presente

Para a quinta aula, programou-se retomar a proposta de realizar a pintura na parede de uma da sala multiuso da biblioteca, esclarecendo-se algumas informações de como pensou-se o projeto, e iniciando o planejamento coletivamente.

Plano de aula:

14h30 - 15h.

Breve contextualização :

Pergunta aos inscritos: "Qual memória afetiva vocês têm com a biblioteca?"

Retomar a proposta de realização do mural em uma das salas da biblioteca. Trazer um pouco da história da biblioteca (sua fundação, prática de artes no espaço, tombamento, espaço público etc).

História da biblioteca: Iniciou suas atividades em 16 de junho de 1947, com salas de leitura e circulantes. A região parecia uma cidade do interior com ruas de terra, muitas árvores e animais. A Lenira Fraccaroli (Dir. da Biblioteca Municipal da época) lutou para a construção dessa nova unidade. Oferecia sessões cinematográficas, hora da história, jogos diversos, palestras e festas comemorativas. Em 1950 foi inaugurada a sala de artes para as crianças. Com o aumento do número de inscritos, se ampliou o espaço construindo o Teatro anexo em 1955. Só em 1962, a Biblioteca mudou de nome para Biblioteca Anne Frank.

Perguntar se alguém que frequenta a biblioteca a muito tempo gostaria de compartilhar detalhes dessa história.

15h - 15h30.

Percorrer o espaço (mostrar onde era a antiga sala de artes Lenyra Fraccaroli, artes vistas no espaço e sala em que se realizará o projeto).

Pedir para analisarem os murais, se acham que dá pra finalizar no tempo de duas aulas.

Comentar sobre o curso, a proposta de pensar o espaço, e a questão de ocupar o espaço com arte. Referênciar o muralismo mexicano e murais de Cândido Portinari. A arte muralista desempenha um papel social bastante forte, já que ela se aproveita da exposição pública para manifestar-se de forma crítica. As primeiras manifestações do que viria a se tornar o muralismo são as pinturas rupestres. Cândido Portinari fez o Painel Guerra e Paz para a ONU.

Mostrar possibilidades: esse mural pode ser "crítico", estético, retratar algo da história da biblioteca, algo significativo para o grupo, algo da memória etc.

Pontuar que como será um trabalho coletivo, são necessários acordos acerca de sua realização, assim como foi exercitado na terceira aula.

Conversa sobre vontades e ideias.

15h30 - 17h00.

Sugerir que em grupos, os alunos apresentem uma proposta de mural. Essa proposta pode conter representações visuais mas também anotações sobre questões práticas. Realização de rascunho e elaboração da justificativa. Depois do compartilhamento das ideias, realizar votação para selecionar o projeto.

Organização dos dias de execução (quem pintará em que dias, como será a organização entre participantes, se haverá algum projeto prévio)

Explicação sobre atividades a serem realizadas com que não estiver pintuan do mural.

Registro do encontro:

A ideia de realização do mural surgiu de uma vontade de realizar algum trabalho em grande escala e de modo coletivo ao início dos planejamentos, percebendo-se ser algo que foi pouco explorado no curso anterior. Inicialmente, pensou-se em montar uma estrutura que pudesse ser pintada pelo grupo de inscritos, porém, em conversa com a biblioteca, nos foi permitido realizar uma intervenção em uma das paredes da atual sala multiuso.

A proposta encaixou-se muito às vontades em relação a essa atividade e o recorte do curso, uma vez trataria-se essa escala maior e em uma produção que permaneceria no espaço da biblioteca, em que seria imprescindível considerar esse contexto para pensar-se a intervenção.

Para iniciar a discussão acerca das possibilidades para a pintura da parede, trouxe-se algumas informações sobre a história da biblioteca, a partir de informações consultadas em pesquisa realizada no início dos planejamentos do curso, de modo a propor que a intervenção de algum modo se relacione à história do espaço, assim como a relação dos inscritos com o local, buscando-se instigar memórias e vontades.

Ao pedir-se que os inscritos compartilhem alguma memória afetiva que tenham em com à biblioteca, independente do tempo dessa memória, mais recente ou mais antiga, os relatos trouxeram a importância da biblioteca como um espaço de acesso à cultura, como um equipamento que faz parte das visitas cotidianas de pessoas que vivem na região, e cujo acervo e atividades ofertadas possui impacto na formação de pessoas da família, como um lugar de estudo e pesquisa, e como um espaço de refúgio da movimentação e barulhos da região, por ter contato com sua vegetação e silêncio.

A partir dessa conversa, propôs-se que fossem pensando em seu vínculo

com a biblioteca, e partiu-se para continuar o compartilhamento de informações históricas da biblioteca e para observar outras pinturas presentes em uma caminhada pelo espaço. Nesse momento, visitou-se o local da antiga sala de artes, e que atualmente abriga uma das seções de literatura infantojuvenil; a pintura presente na outra seção de literatura juvenil, que apresenta padrões gráficos coloridos junto a silhuetas de personagens populares da literatura infantil; o mural presente no corredor principal, com uma pintura representando a Anne Frank, junto a um outro padrão gráfico colorido; a pintura no anexo do museu da diversidade, que engloba toda a tridimensionalidade do prédio em cores referência a bandeira LGBTQIAPN+; e a sala em que a pintura do grupo será realizada, de modo a ter-se uma noção espacial do que poderia ser realizado mais concretamente.

Nesse percurso, em que propôs-se que os inscritos buscassem perceber algumas características das pinturas presentes na biblioteca, quanto a visual, conteúdo e técnica, foram apontados a referência à literatura e o uso de elementos gráficos, que podem ter sido realizados com máscaras, o que seria um recurso que poderia ajudar quanto ao tempo de execução do mural, o que repercutiu em algumas das propostas da atividade seguinte.

Para a organização das ideias para o mural, dividiu-se a turma em grupos, no caso, foram dois grupos de 5 a 6 pessoas, para que pudessem discutir em com menos pessoas, em propostas que surgem no grupo. Cada grupo se dispôs em um conjunto de mesas, em que disponibilizou-se folhas de formato aproximado A2, assim como lápis, tintas, pincéis, em que propôs-se que pensassem o projetos conforme acharem mais conveniente, como anotações, esquemas, rascunhos visuais, amostras etc, e atentou-se para que, ao fazerem testes com cores, já utilizassem as tintas de parede, por ser o material disponível para a realização do mural. Assim, os grupos ficaram cerca de 1h20 discutindo sobre possibilidades e fazendo testes, dentre rascunhos, paletas de cores e stencils.

Dentre as ideias apresentadas pelos grupos estão:

- Uma árvore em formas geométricas, que nasce de um vaso, cuja copa teria flores que cada inscrito do curso realizaria, com uso de uma seleção de cores pré-determinadas;
- O desenho de um bebê até um idoso interligados;
- Fazer da parede uma janela, em que cada sessão teria uma temática;
- A sobreposição de formas simples, como letras e figuras, realizadas com máscaras;

A partir das ideias iniciais, propôs-se uma junção de algumas das ideias em um projeto só, de forma a consultar o que o grupo de participantes sobre cada uma das escolhas, na qual resultou a proposta de realizar um árvore, cujas cores da copa seriam feitas com *stencil* e numa seleção de cores escolhidas, na qual ficou em aberto sobre outros elemento que teriam essa árvore, entre flores realizadas individualmente ou outros elementos, como letras na caligrafia de cada um.

De modo geral, a ideia teria o princípio de fazer uma referência à vegetação do espaço, assim como a árvore relacionar-se metaforicamente a algo que nasce e se instala em um local, cuja copa traria marcas do que se constitui, no caso, faria referência às pessoas que a realizaram e vínculos com o espaço.

Ficou em aberto para o próximo dia um fechamento da ideia do que seria executado, a organização entre a pintura e a produção de stencil e as divisões dos grupos. Num primeiro momento, pensou para as próximas duas semanas separadas para a execução do mural, a divisão da turma em dois grupos, um que estaria dedicado ao mural, enquanto outro a alguma produção pessoal, o que se inverteria na semana seguinte. Porém, com a percepção da diminuição da frequência dos inscritos, com 11 pessoas presentes no último encontro, talvez

a divisão se foque entre a pintura e a realização dos stencils, algo que ficou para ser fechado no dia do encontro.

Devido a diminuição da frequência, o grupo de estagiários começou a refletir sobre o que poderia estar implicando em tal, porém, nesse momento do curso, é difícil estabelecer uma conclusão clara, sobre algo que possa não estar funcionando e atendendo as expectativas dos inscritos.



Figura 38: Observação de pinturas do espaço da biblioteca. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 39: Observação de pinturas do espaço da biblioteca. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 40: Observação de pinturas do espaço da biblioteca. Fonte: Anna Aguiar (2022).

09/11/2022 6º Encontro: Execução do Mural: primeiro dia

Registro do encontro:

Na sexta aula, realizou-se a primeira parte da pintura do mural. Ao início do curso, considerando-se um número de cerca de 20 inscritos, pensou-se em dividir a turma entre a execução do mural e realização de um trabalho de interesse pessoal, porém, como já havia sido constatado no encontro anterior, com a diminuição da frequência dos inscritos, cerca de 12 pessoas no dia em questão, optou por engajar todo o grupo na realização do mural, porém, divididos em atividades diferentes.

Nesse dia, não realizou-se um planejamento detalhado com divisões de tempo, o grupo estava em dúvida sobre qual seria o ritmo dos inscritos durante a realização do mural, e optou-se por se articular as etapas a partir da percepção do funcionamento da turma.

Antes do encontro, organizou-se a sala de multiuso, com proteção de parte do chão em frente à parede que seria pintada, e separação dos materiais necessários: tintas de parede, pincéis de maior espessura, potes grandes e pigmentos. Preparou-se, ainda, o espaço utilizado nos outros encontros, em apenas um conjunto de mesas forradas, e disponibilizou-se papéis grossos, lápis, tesouras e estiletes para confecção dos *stencils*, assim como tinta e pigmentos para testes de cor.

Iniciou-se o encontro apresentando um rascunho do projeto, realizado por um dos integrantes do grupo de regentes, que reunia as ideias discutidas na aula anterior, para fechamento de detalhes finais. Essa conversa foi realizada na sala em que a pintura seria feita, em que já havia algumas marcações com fita para apresentar uma dimensão de escala ao projeto. Assim, conclui-se que a pintura

constituiria de uma árvore com traços mais geométricos, cuja copa seria realizada com *stencils* variados, entre folhas e símbolos referentes à biblioteca, como livros e letras, com flores que cada um realizaria ao final, e uma assinatura coletiva composta com as digitais de cada um dos participantes junto ao nome do curso.

Com o consenso do que seria feito, os participantes dividiram-se entre quem preferia dedicar-se à pintura do tronco da árvore e quem produziria os *stencils*, porém, ao longo do processo, algumas pessoas foram intercalando entre os dois espaços. No grupo dedicado à pintura da parede, foi realizada uma marcação da forma da árvore, em que decidiu-se por engrossar o tronco e expandir o alcance dos troncos, assim como a escolha dos tons de marrom desse, e iniciou-se a pintura. Enquanto no grupo dos *stencils*, foram feitas formas diferentes de folhas, com algumas pessoas coletando folhas de árvores do jardim para se basear, assim como outros símbolos referentes à biblioteca e à literatura, a amostra de alguns tons de verde e o teste dos *stencils* em uma folha branca.

De modo geral, a turma pareceu animada com a ideia de ter uma produção da qual participaram presente a longo prazo no espaço da biblioteca, e em função do que se conseguiu finalizar no dia, pensou-se em dividir a turma na próxima semana em momentos ao longo da duração da aula. Como a aplicação dos *stencils* só poderia ser executada na parede, parte da turma se dedicaria ao mural em um primeiro momento, enquanto a outra a uma produção de interesse pessoal, e iriam intercalando.



Figura 41: Mistura de tintas e definição de tons para pintura de tronco da árvore do mural.
Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 42: Inscritos pintando tronco de árvore do mural. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 43: Inscritos pintando tronco de árvore do mural. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 44: Inscritos realizando stencils para copa de árvore do mural. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 45: Inscritos realizando stencils para copa de árvore do mural. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 46: Folha de testes e tons do stencils. Fonte: Anna Aguiar (2022).

16/11/2022 7º Encontro: Execução do Mural: segundo dia

Registro do encontro:

Para o sétimo encontro, também não se programou um roteiro detalhado, em que se trabalhou de acordo com o ritmo do grupo, mas com o objetivo de finalizar a pintura do mural. Propôs-se dividir a turma em dois grupos, que seriam invertidos ao longo da aula, uma vez que não havia espaço para todos trabalharem ao mesmo tempo na sala em que a pintura estava sendo realizada. Assim, enquanto parte da turma dedicava-se ao mural, a outra parte estaria realizando algum trabalho de interesse pessoal, com técnica e motivação de livre escolha, em que sugeriu-se fazer algo que possa ter relação a algo abordado no curso ou algo não experimentado que a pessoa gostaria de experienciar, pensando ainda que o trabalho poderia ser exposto na exposição a ser realizada no último dia do curso, e que teriam auxílio de parte do grupo de regentes, para dúvidas e diálogos.

Conforme foram chegando os participantes, foi perguntado a cada um onde preferia se dedicar primeiro, dando prioridade a quem não participou na pintura da parede no encontro passado. Na realização do mural, o dia foi separado para a aplicação dos *stencils* realizados na aula anterior, assim, houve um processo de preparação das tintas, realizando-se alguns tons de verde com a mistura da tinta branca de parede com pó xadrez, dos quais, de acordo com o que foi acordado no encontro anterior, utilizou-se um tom de verde mais neutro, próximo ao pó xadrez disponível, um tom mais estudo e frio, e um tom mais claro e quente. Como as formas que comporiam os *stencils* foram pensadas para compor a copa da árvore, foi necessário o uso de escadas para sua aplicação, por tratar-se de uma área mais alta da parede, assim, para segurança do grupo, as pessoas divi-

diram-se de forma intercalada, entre aplicação dos *stencils*, apoio para segurar a escada, disponibilizar e preparar a tinta. Conforme a copa foi sendo preenchida, sentiu-se a necessidade de colocar mais cores nos elementos dessa, assim fizermos tons de vermelho, amarelo e azul. As cores, em um primeiro momento, foram pensadas para constituírem as flores que seriam realizadas por cada integrante do curso, mas em função da dinâmica da execução e conforme na aplicação dos *stencils* percebeu-se uma unidade que satisfazia os anseios do projeto, e optou-se por focar e manter-se apesar os *stencils* realizados de forma coletiva.

Na realização dos trabalhos individuais, foi interessante observar como as questões tratadas ao longo curso estavam presentes nos trabalhos. Disponibilizou-se papéis de grande formato, A0 e em rolo, que poderiam ser cortados para que tivessem mais liberdade de escolher o formato que queriam trabalhar, além de tamanhos padronizados, assim, muitos escolheram tamanhos variados, desde formatos quadrados, maiores que A3 e compridos. Dentre materiais utilizados, manteve-se a tinta guache como mais utilizada, uma vez que pigmentos estavam sendo utilizados na pintura da parede, mas foi perceptível o quanto as experiências coletivas e a realização do mural impactaram esses trabalhos, sendo que algumas pessoas optaram por fazer uma pintura em grupo, uma utilizou *stencils* como máscara e como parte da composição, alguns utilizaram esponjas nas pinturas, que estávamos sendo utilizadas para a pintura dos *stencils*, enquanto uma das participantes vez uma grande pintura explorando a dissolução da tinta na água. Essa atividade foi pensada como um momento de síntese ou de abertura para que os participantes pudessem experimentar alguma vontade, sem um direcionamento direto quanto a proposta, mas que nesse processo de olhar tudo que foi trabalhado no curso, fosse um momento propício para diálogos e reflexões de forma mais individualizada.

Ao longo do encontro, procurou-se articular a intercalação entre os grupos, mas sem interferir no processo e nas vontades de cada um. Aproximadamente

na metade da aula, buscou-se orientar que quem quisesse mudar de lugar de trabalho pudesse fazê-lo, porém as trocas foram mais espaçadas, algumas pessoas preferiram se dedicar mais ao trabalho individual, enquanto outras ao mural, mas a maioria em algum momento percorreu as duas propostas, mesmo quem ficou a maior parte do dia no trabalho pessoal, ao final do encontro participou da aplicação de ao menos um ou dois stencils. Um caso importante de apontar foi Amanda, que em outras atividades em grupo esteve mais contida, preferiu dedicar-se apenas no mural nesse dia, chegando a iniciar uma comunicação com o grupo para mostrar o *stencil* que havia feito na parede.

De modo geral, o grupo manteve-se bem animado e envolvido com o projeto, com comentários acerca de algo que participaram da realização permanecer a longo prazo no espaço da biblioteca, e o resultado pareceu surpreender a todos. Ao final do encontro, informou-se o planejamento para a próxima aula, com a realização da assinatura do mural, organização de uma pequena exposição com trabalhos desenvolvidos ao longo do curso e uma confraternização, em que cada um poderia trazer alguma comida ou bebida, e em que conversaria-se sobre o curso.



Figura 47: Pintura de mural finalizada. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 48: Inscritos aplicando stencils para a copa de árvore do mural. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 50: Inscritos aplicando stencils para a copa de árvore do mural. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 52: Inscritos aplicando stencils para a copa de árvore do mural. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 49: Inscritos aplicando stencils para a copa de árvore do mural. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 51: Inscritos aplicando stencils para a copa de árvore do mural. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 53: Inscritos aplicando stencils para a copa de árvore do mural. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 54: Inscritos realizando pintura de interesse pessoal. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 56: Inscritos realizando pintura de interesse pessoal. Fonte: Anna Aguiar (2022).

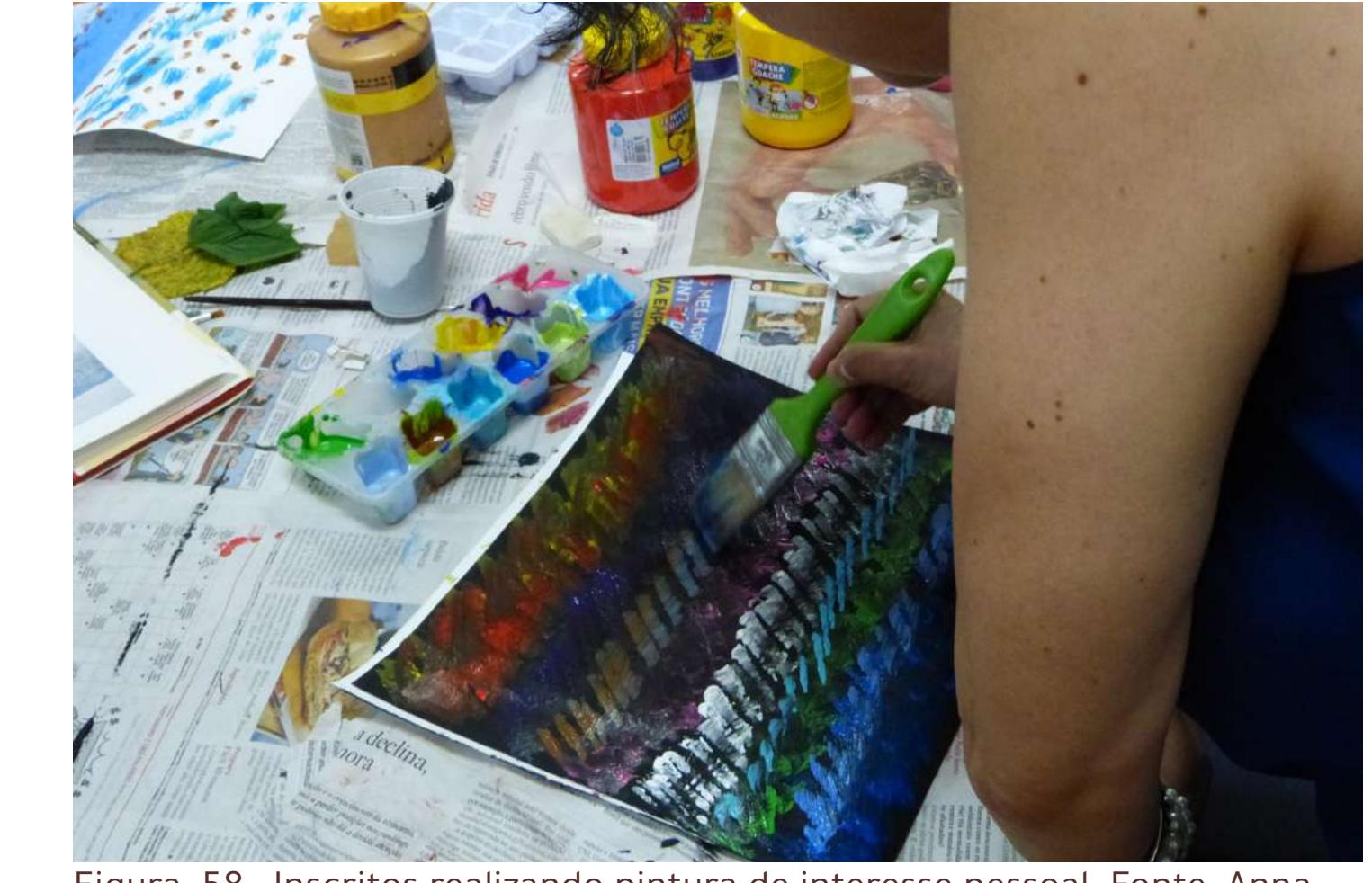


Figura 58: Inscritos realizando pintura de interesse pessoal. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 55: Inscritos realizando pintura de interesse pessoal. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 57: Inscritos realizando pintura de interesse pessoal. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 59: Inscritos realizando pintura de interesse pessoal. Fonte: Anna Aguiar (2022).

23/11/2022 8º Encontro: Encerramento: exposição e mural

Registro do encontro:

Para o encerramento do curso, planejou-se uma confraternização na sala em que se realizou o mural, com a inauguração desse, a exposição dos trabalhos desenvolvidos ao longo do curso e uma conversa com os participantes, buscando um retorno de como foi para o grupo e sugestões.

Antes do início do encontro, buscou-se separar os trabalhos por pessoa e trabalhos conjuntos, conforme conseguia-se recordar, para facilitar que cada um pudesse escolher que trabalhos gostaria de expor. Conforme os participantes do curso foram chegando, informou-se onde estavam seus respectivos trabalhos, orientando que escolhessem quais queriam expor e, no caso de trabalhos conjuntos, deixou-se livre aos integrantes presentes a escolha de expor. A exposição foi realizada no corredor principal da biblioteca, em que alguns trabalhos foram colados nas paredes e outros, menores, em uma das estantes de livros que costuma expor alguns livros no local. Assim, como foi feito do curso do semestre anterior, o uso das estantes buscou integrar elementos do espaço da biblioteca na proposição expositiva, desse modo, a disposição dos trabalhos foi composta de acordo com as vontades do grupo, dentre cores, formatos e autores.

Além da exposição de trabalhos no corredor, em uma das paredes da sala de multiuso em que foi pendurado o mural, foram ainda expostas fotos tiradas dos processos ao longo do curso, aos quais ao lado, assim como no corredor, foi colado um cartaz com um pequeno texto, apresentando a exposição:

EXPOSIÇÃO CURSO “ESPAÇOS DA PINTURA”

A presente exposição reúne trabalhos elaborados durante o curso Espaços da Pintura, ministrado na Biblioteca Pública Anne Frank em parceria com o Departamento de Artes Plásticas da ECA-USP, entre os meses de setembro à novembro. Ao longo de 8 aulas, os participantes entraram em contato com conceitos básicos da pintura, experimentando de forma livre com cores, suportes e tintas. Além desta relação prática e direta com a pintura, os exercícios em aula propuseram um diálogo com o espaço da biblioteca e uma reflexão acerca dos processos criativos dos participantes. Dando enfoque na coletividade, foi elaborado um mural permanente para a biblioteca junto aos participantes do curso, em um processo de resgate da memória e da importância histórica desse espaço para criação de um projeto que fizesse sentido para o grupo, em sua temática e execução. Ao final, o resultado aqui exposto reflete um percurso de descobertas, de autonomia, e de companheirismo durante estes meses. Além de muita diversão nas tardes de quarta-feira!

Montada pelos próprios participantes, a exposição contou com o apoio da equipe da Biblioteca Anne Frank que acolheu o curso com muito entusiasmo e nos deu uma oportunidade única de realizar um projeto permanente para o espaço. Agradecemos imensamente pelo acolhimento e atenção.

Espaços de pintura fez parte dos estágios supervisionados da disciplina de Metodologias do Ensino das Artes Visuais IV ministrada pela prof^a. Dália Rosenthal no Departamento de Artes Plásticas da ECA-USP. Os professores que ministraram o curso são os estudantes de licenciatura em Artes Visuais: Beatriz Camargo, Letícia Brasil, Pamella Correia e Rodrigo Campos, que puderam aprender tanto quanto ensinar com esta oportunidade e com todos os envolvidos nela, pelo que são fortemente gratos.

Enquanto o participantes e parte do grupo de regentes se dedicava à montagem da exposição de trabalhos e de fotos, foi realizada a assinatura do mural, com a pintura do nome do curso por um dos regentes, e a preparação de tintas das cores utilizadas na pintura do mural, em que, conforme iam finalizando a montagem da exposição, cada um foi chamado para carimbar o seu dedo ao lado do nome do curso, com o uso de esponjas sujas com as tintas para controlar a quantidade de tinta dos dedos, assim, o conjunto de todas as digitais formam um círculo.

Após todos esses processos, o grupo reuniu-se na sala do mural, em que juntou-se algumas mesas para dispor os alimentos e cadeiras ao redor. Com todos presentes, alguns dos regentes fizeram uma fala, comentando sobre o encerramento, da experiência é importante para a formação na licenciatura, do quanto o grupo de participantes contribuíram para esse processo, cada um em sua particularidade, em um grupo tão heterogêneo, em idade, origens e repertório, e que aprendeu-se muito com eles, na singularidade de cada um.

Pediu-se que, para quem desejasse, fizesse alguma fala, com um retorno acerca de como foi o curso, se há alguma sugestão, e de modo geral, as falas foram positivas. Houveram muitos comentários acerca do mural, de que gostaram muito da forma como conseguiu-se unir vontades do grupo em um trabalho conjunto; expressões do quanto as propostas foram conduzidas de forma leve, de modo com que o grupo de participantes se sentisse confortável; também falou-se sobre o quanto as propostas trouxeram instigações, que resultaram em ações e percepções que muitos não teriam de forma espontânea. Dentre algumas falas mais individuais estavam a importância do fazer, umas das participantes, Valéria, comentou que nunca havia pintado ou se imaginado pintando, e que foi muito importante se ver realizando isso; outra inscrita, Elaine, comentou que sobre como se sentiu incentivada ao longo curso, que em momentos que tinha dificuldade de realizar as propostas, devido sua autocrítica, o

grupo tratava seu trabalho sem julgamento, incentivando o que fazia e comentando seus processos, enfatizando sua singularidade; e houve ainda o retorno de Antônio Carlos, que comentou o quanto as propostas das aulas o acompanhavam após o encontro, em suas percepções, e mostrando experimentos que realizou devido à propostas do curso, trazendo, inclusive, um trabalho resultante desses processos, instigado pela aula de composição em que a música "Trem das Cores", que fez parte da aula, o inspirou a pensar sobre relações cromáticas.

Dessa forma, foi importante ter tais retornos que expressassem os impactos e significados que o curso teve para com os participantes, dentre reflexões, produções posteriores e percepções resultantes de discussões do curso.



Figura 60: Texto de apresentação de exposição de trabalhos e mural, assim como fotografias de encontros do curso. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 61: Exposição de trabalhos realizados durante o curso. Fonte: Anna Aguiar (2022).



Figura 62: Pintura final de mural com assinatura do grupo. Fonte: Anna Aguiar (2022).

CONCLUSÕES

Diante das experiências de vida, do resgate de lembranças e da organização de aprendizados por meio do relato, compreende-se aqui, a formação docente, enquanto um complexo processo de intersecções, entre tempos, memórias e experiências.

Considera-se a formação como um movimento expandido para além dos espaços formais específicos, como a licenciatura e cursos voltados à docência, mas presente nas diversas vivências cotidianas, desde o olhar sobre si enquanto estudante, as memórias escolares, a tomada de saberes da experiência e da realidade como referenciais, à adoção de princípios que geram vontades e ações.

Face ao ato de olhar e retomar momentos de minha formação, em um processo consciente de registro, rememoração e sedimentação de saberes, reconheço os relatos como parte desse processo formativo, enquanto uma sistematização de minhas aprendizagens como professora.

O trabalho sobre a própria memória, uma memória do cotidiano, dos detalhes, das especificidades dos contextos vivenciados, faz-se um lugar potente ao reconhecimento, organização e ressignificação de percepções e saberes provenientes dessas experiências, e a consequente e constante construção e reconstrução de novos saberes.

A experiência é identificada como uma das bases mais sólidas da formação,

enquanto algo que nos acontece, nos marca, nos transforma e forma. E assume-se essa ação transformadora como alicerce para a construção de conhecimentos e motivação às práticas docentes, na vontade de proporcionar experiências transformadoras aos sujeitos com que se interage e compartilha vivências pedagógicas.

Na distinção da importância da memória e da experiência no pensamento acerca do ato de escrita dos relatos, em que se entende tais materiais resultantes enquanto documentos históricos, o olhar sobre a história ganhou peso nesse processo de pesquisa. Assim, na consideração de nós humanos enquanto seres históricos, aprofundar-se na história de um dos maiores marcos para a arte-educação no Brasil, o Movimento de Escolinhas de Arte, foi muito relevante no reconhecimento de práticas presentes em minhas vivências pedagógicas, identificando-se possíveis percursos históricos de abordagens que busco defender no ensino de arte.

Dentre princípios identificados na minha prática ao longo da graduação, e principalmente no curso “Espaços da Pintura”, ao quais se reconhece paralelos com práticas do MEA, estão a consideração da realidade em que se atua, composta de lugares, espaços, materialidades e pessoas, carregadas de história, memórias e vontades. Assim como a ênfase no processo e na experiência, considerando-se cada pessoa envolvida como uma criadora em potencial, buscando-se manter uma horizontalidade quanto às trocas de conhecimento, em uma aprendizagem conjunta.

Reconheço na realização dos relatos sobre o curso “Espaços da Pintura” e vivência do mesmo, como um momento de grande impacto sobre minha formação, enquanto uma experiência profunda em que tive a oportunidade de participar dos estágios de concepção e escolhas, ministrar práticas, acompanhar o processo dos alunos com proximidade, e identificar ou sedimentar aprendizados ao longo da escrita.

Dentre um dos aprendizados desses processos, está perceber a conjunção de tempos presentes na formação: as experiências passadas, enquanto estudante ou professora; o planejamento, marcado por intenções, pesquisas e vontades; a prática na regência, em que lidamos com variáveis imprevisíveis, cujas respostas provêm dos referenciais da experiência; e os momentos posteriores, na solidificação de aprendizados e desejos para um futuro, criando-se novos referenciais.

Porém, ao tomar os saberes provenientes de uma experiência como referências às práticas futuras, depreende-se das especificidades de cada contexto educativo, com sua realidade particular, a necessidade de pensar ações e propostas exclusivas a esses. De modo que, diante da singularidade própria da experiência, os conhecimentos construídos na prática, são uma estrutura à ação docente, mas não um manual exato, cada espaço demandará soluções e respostas próprias.

Por fim, concluo esse trabalho com a concepção de que a formação docente apresenta-se como um processo em constante transformação e concomitante a uma pesquisa tanto interior, como exterior, ou seja, de um olhar para com as experiências pessoais em articulação aos contextos concretos vivenciados durante os processos de ensino e aprendizagem: identificar acertos e erros, acolher ou negar abordagens, buscar a mudança e o aprendizado, em uma jornada composta de histórias, memórias e múltiplas experiências de vidas.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Fernando. Movimento Escolinhas de Arte: em cena memórias de Noêmia Varella e Ana Mae Barbosa. Dissertação (Mestrado em Artes) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 166. 2000.
- CATANI, Denice. Lembrar, narrar, escrever: memória e autobiografia em história da educação e em processos de formação. In: BARBOSA, Raquel. Formação de educadores: desafios e perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- BOSI, Ecléa. A substância social da memória. In: BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- DEWEY, John. Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, Jan/Fev/Mar/Abr, n.19, 2002.